Agostinho Both

A cerimônia da lamparina

Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

O autor resolveu acalmar a consciência. Trouxe à luz memórias da infância, esclarecendo quem eram as figuras humanas estranhas que passavam na estrada na Linha Divisa de Santo Cristo, junto de sua casa na infância. Nasceu, então, *A cerimônia da lamparina*. Não sei de todos os motivos que levaram a querer me aproximar dos alemães-russos que passavam, quando menino, em frente à minha casa, e eu imaginando que vinham de muito longe, mal sabia, estavam logo ali. Maravilhosa é a cabeça infantil, que faz de tudo uma grande poesia. Misturam-se os fatos à fantasia. A realidade se torna fantástica, mas carente de clareza. Agora, tardiamente, depois dos setenta, aproximei-me da saga dos alemães-russos que, a partir de 1909, começaram a povoar uma região do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Em crônicas diversas e sentimentos de descobridor, digo, com o coração na mão, quem era aquela gente estranha e tão próxima de mim.

A cerimônia da lamparina

Agostinho Both

A cerimônia da lamparina

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.
O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença
Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:
http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisão: Nathalia Ribas

B749c Both, Agostinho
A cerimônia da lamparina [recurso eletrônico] / Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.
3,7 Mb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-391-3

Modo de acesso: World Wide Web: <http://www.projetopassofundo.com.br>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Primeiras palavras..... 7
Primeira conversa 9
Recordando..... 11
Manhã de sol e a triste lembrança 15
Surpresas de janeiro..... 19
As surpresas de maio 23
Manhã de dor em sol ardente..... 27
As despedidas 29
Voltando para a Divisa..... 33
Conhecendo as casas 35
Memórias de um imigrante..... 43
Edwin Teodoro Gertz..... 47
Erguendo novamente as casas 49
Voltando no tempo..... 53
Vendo de perto a Colônia Guarani..... 59
Antes de a lamparina se apagar 65
Dos mais velhos..... 69
Nas pedras dos falecidos e nas canções 71
Breve comentário sobre os hinos religiosos..... 72
Sobre os testemunhos nas pedras 72
Conversa final 75

Primeiras palavras

Os alemães-russos desapareceram dos olhos do autor, fizeram parte de sua infância, mas não do seu coração. Já bem vivido, foi atrás daqueles que passavam pela frente da casa de seus pais com seus cavalos vermelhos. E, recolhendo informações de uns e outros, construiu este belo livro. É a história de sofridos e corajosos migrantes. É a história de todos nós, pois todos temos algum antepassado que, premido pelas circunstâncias, precisou abandonar sua casa e ir em busca de outras paragens. *A cerimônia da lamparina* é um livro que vai permanecer em nossos corações.

Jorge Alberto Salton

Primeira conversa

Não sei de todos os motivos que me levaram a querer me aproximar dos alemães-russos que passavam, quando criança, em frente à minha casa, e eu, imaginando que vinham de muito longe, mal sabia, estavam logo ali. Maravilhosa é a cabeça infantil que faz de tudo uma grande poesia. Misturam-se os fatos à fantasia. A realidade se torna fantástica, mas carente de clareza. Agora, então, quero me redimir de minha ignorância e, fugindo da fantasia, abraçá-los, mostrando minha crença de que a solidariedade pode ser maior, pois, se estivéssemos crentes de nossa fragilidade, as aldeias estariam melhor servidas. Se tivéssemos maior socorro uns nos outros, do que inseridos em crenças particulares, então, acredito, seríamos melhores do que somos. Tentarei, assim, tornar-me melhor e fazer que outros possam se tornar melhores, conhecendo quem são esses alemães-russos que vieram entre lágrimas e esperança, tendo sua sorte resolvida aí junto ao rio Boa Vista e a outros pequenos córregos. Agrada-me Platão, quando diz: *Como é verdadeiro o ditado comum, de que aquilo que aprendemos quando meninos, o recordamos de maneira maravilhosa!* Não tenho a pretensão de somente recordar, porque ainda é pouca a memória dos alemães-russos. Quero me aproximar das lembranças e conhecer melhor, rendendo homenagem àqueles que vieram perplexos de uma região da Rússia, hoje Ucrânia.

O interesse de me voltar às recordações da minha infância veio, também, pela possibilidade de dizer do legado dessa gente expulsa. Os descendentes, não importa a idade, ao saberem de sua história e das travessias de tempos e dos espaços para estarem onde

estão e do jeito que estão, podem ter um natural orgulho de sua identidade. A narrativa de quem quer que seja não é resolvida somente em ter na consciência sua breve existência, mas na longitude dada pelos que o antecederam. Gestos, palavras, sentimentos, percepções não deixam de existir, mas, quando narrados, inscrevem-se sutilmente através das gerações e da gente já falecida. Assim, os jovens, ao saberem do movimento de avós, além de adquirir mais clara a história do espírito, podem ter a alegria de saber de onde vieram e de que estofo humano são constituídos.

Recordando

Entre nuvens de poeira vermelha, com seus cavalos vermelhos, e alguns com seus cabelos vermelhos, vinham subindo a estrada com a carroça e seus animais ligeiros. Mal erguido o relho, mais velozes estavam seus cavalos fortes. Reluziam contra o sol da tarde. Desapareciam dos olhos, mas não do coração. Outras vezes, cansados, vinham afundados no barro, tristes, mas impávidos. Os alemães-russos, solenes e sistemáticos, tinham sua austeridade revelada, seja no olhar posto na estrada, seja nas roupas modestas das mulheres e nos lenços protetores na cabeça. Sessenta anos passados, ainda estão em mim, e vejo-os comprando seus riscados na venda de seu Braun. Diziam palavras alemãs mais abertas e mais cuidadosas que os moradores da Linha Divisa de Santo Cristo, lugar de minha casa. Olhava-os, temendo que se dirigissem a mim. Tremeria de medo diante de seus mistérios. Já havia feito a tentativa de provar da presença antiga escrevendo o conto "Maxim Theodor Levonius"[1]:

Quando chegava setembro, com suas brumas, vinha, entre elas, Maxim Theodor Levonius com sua parelha de cavalos fogosos. Outras carroças com seus cavalos reluzentes vinham da mesma direção. Via neles muito mais que as notícias de meu pai. Por olhá-los de longe, mais privava com eles a fantasia que o reto pensamento. Invejava-os quando vinham em suas carroças trazidas por seus cavalos lisos e fortes. Via tão pouco, pouco além das amáveis casas da Linha Divisa, mas o infatigável e temente menino se enchia de sonhos ao vê-los. Entravam em mim como um sonho. Era um guri apenas frente ao infinito de onde saíam os alemães-russos. Eu aí a

[1] BOTH, A. *Contos do envelhecer*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

ter que controlar a vida de todas as maneiras, e eles passando livres diante da minha casa.

Entretanto, não paravam de me instigar, descontentes por não os abraçar de vez. Não há nostalgia ou saudades tristes, porque não os tenho mais, todavia, mais que escondidos na poeira, estão desaparecidos, pedindo um encontro. Persiste a imaginação do horizonte donde misteriosamente saíam e, agora, sessenta anos depois, vou ao pequeno horizonte não mais distante que quinze quilômetros.

Lembro, também, do pastor de Santa Rosa, que vinha abençoá-los, e de seu motociclo estragado. O som profundo do motor me falava de Deus. Quando criança, os sons e as cores traduzem bem mais que a realidade neles impregnada. Podia haver palavras de deuses nervosos ou alegrias de anjos pendurados em árvores. Confesso que vi um deles num entardecer lânguido de 1950. E os julgamentos sobre os eventos têm conteúdos místicos ou efeitos que não se conformam com os fatos. O som grave do motor fazia que entendesse ser o pastor mais amigo de Deus que de meu vigário, afinal, tinha a impressão: quem viesse de moto não tinha tanta austeridade. Minha mãe, para aumentar o mistério, disse com voz grave: é um pastor protestante! Entretanto, estava desconfiado de que o representante divino dos alemães-russos não se apresentava com a grandeza do vigário metido, de alto a baixo, em roupas negras. O meu vigário, padre Gallas, andava no seu solene Ford-29, bem mais apresentável que um motociclo que falhava na estrada.

Por muitos anos, vinham eles determinados a se revelar. Não estava disposto a reencontrá-los em razão das atividades acadêmicas. Aposentado, começaram as suas conversas abertas e sinceras. Resolvi saber quem eram. Os amigos Simão Dihelschneider e seu irmão Aloys, de origem alemão-russa, prometeram que me levariam a um velho, diziam, mais legítimo que eles. Teria ele mais condições de dizer das memórias desse povo. Ele próprio seria um protótipo da história e da velhice nele retratada. Como nada sabia deles, entrei na internet.

Fiz funcionar o Google, começando a pesquisar sobre alemães-russos. Imediatamente, surgiram aqueles do Volga. Vou descobrindo a saga dos menonitas: Holanda, Danzig, o sul da Rússia,

as estepes ao longo do rio Volga. Inicialmente, pensei que eram os menonitas que vinham com seus cavalos. A vinda desses alemães-russos, mais austeros que todos os outros, começou, no Brasil, a partir de 1920, por não mais suportarem a violência da ideologia russa. Acima da pátria e dos bens da terra, tinham a Deus – em toda a extensão – acima de todas as coisas. O Simão, que mora na Linha Divisa, um bom católico e sem a austeridade dos menonitas, encheu-me de dúvidas: e seriam os alemães-russos de minha infância os mesmos seguidores de Meno. Que importa?, pensei. Vou vê-los de perto! Disso falo com certa clareza, uma vez que quero compreender quem são, porque, conhecendo-os, posso ter melhor a minha alma, pois pouco se diz deles e, em não sabendo quem são, perco o principal. Tenho a impressão e a única certeza: o melhor de mim está nos outros, e eles, a quem procuro encontrar, dirão melhor sobre quem eu possa ser e existir. Depois, aprendi que os alemães-russos da minha infância nada tinham em comum com os menonitas.

A tarde começa a desmaiar e, brilhando ainda o sol no horizonte, nessa hora decido, com certa veemência, encontrar a minha própria velhice, ao saber deles e de como apreciam, em sua história, os tempos de vida. Talvez tenham eles notícias melhores que aquelas com as quais lido com o meu tempo que já se adianta. Assim, descobrindo quem são e como olham para os mais velhos, posso estar mais contente comigo e com meu projeto de vida. Não importa se são católicos em busca de salvação de seus filhos, ou se menonitas, ou como protestam, ou como amam a Deus. Quero saber como praticam sua humanidade, o que têm de lembrança do povo que os trouxe e o que podem trazer de bom para todos.

Passados os dias de árduo tabalho do tempo socialmente dominado, quero resgatar o que estava escondido. O tamanho existencial da raça humana, expressa nessa gente, não me será indiferente. Quero ver se é possível desenhar a beleza da alma humana neles escondida. Se as rosas e as manhãs, se as chuvas e as poeiras estão neles como suaves prestações em líquidos, sementes e cores, vou colher todos os sentidos: aqueles vistos com nitidez por eles e os escondidos debaixo das palavras. Vou comungar com seus vivos e falecidos.

Manhã de sol e a triste lembrança

Manhã clara de dezembro, a corruíra anunciava o sol que subia em Santo Cristo. Simão vinha me visitar para começar as conversas sobre os alemães-russos: viria me dizer de onde veio aquela gente, espantos da minha infância. Esmeros necessários se faziam em mim, respeito para quem viera, desvendando, dia a dia, os segredos de quem não suporta a miséria e menos ainda a humilhação. Acredito, sinceramente, que sai de sua casa somente quem está com sua alma enxovalhada. Cabia, então, em mim admiração a quem não mediu esforços na renovação de costumes e de língua arrostando sustos e assombros. Simão veio, mas tinha na garganta uma angústia. Saudou meu irmão Bento, depois ficamos por conta de nossas intenções. Veio expressando uma dor oculta que o matava.

– Augustinho, disse, até hoje não vim falar com o Bento sobre a Orlene[2]. *Mench*[3]*,* isto me dói muito.

Chorava em baixo soluço, e eu o consolei:

– O Bento é forte, a perda deixou ele muito triste, mas a fé que tem faz que suporte a morte da Orlene.

Consolou-se um pouco, com o pouco consolo que eu podia transmitir, mas seu suspiro foi fundo. Deduzi que para ele a perda seria um peso insuportável. Pensamentos faiscavam. É um homem capaz de apreciar o que significa andar sem destino. É um gigante que foi agricultor, ferreiro e marceneiro. Endireitou ferros, fez carroças de passeios e de roça. Nenhum ferro ficou sem tomar a forma

[2] Minha sobrinha que falecera em maio de 2008. Em tudo havia a dor da perda.
[3] Homem.

de suas intenções. Sorri satisfeito, vendo-o sentimental, e ainda lhe disse:

– Ela foi a maior dor que tive até hoje, mas a morte espreita sempre. Basta uma pequena oportunidade que ela vem sem licença. Ela é mal-educada.

Simão sorriu. Sua palavra revelava a memória de uma linguagem, imitando a abertura sonora das falas dos alemães-russos vindas da Linha 13, diferentes da fala dos outros moradores da Divisa.

– Pois é, Simão, acho que o Bento falou sobre meu interesse em registrar alguma coisa sobre a vida dos alemães-russos que moram perto da Divisa. Quem são, como vieram, suas vidas e trabalhos e outras informações que possam revelar.

– Eu também poderia te dizer algumas palavras, mas meu pai hoje é falecido, e quando vivo nunca busquei saber nada do passado dele. Nem sei por que sou católico e a maioria deles é protestante. Todos daquela região são meus amigos. Acho que vou ajudar um pouco. Vou conversar com eles.

– Não tenha preocupação, podemos falar com alguns idosos que ainda estão vivos. Acho que alguns deles fizeram a viagem da Rússia até aqui.

– Isso é meio difícil, mas podemos encontrar algum filho que vai ajudar a gente, completou Simão.

Expliquei-lhe sobre o que sabia deles. Tracei o caminho do tempo e do espaço dos alemães-russos do Volga e a história da excelência religiosa e agrícola dos menonitas. Ainda pensava sobre os discípulos de Meno[4].

Simão falou do costume de apenas batizarem quando adultos[5]. Nesse momento, lembrei a história de Meno, o bom anabatista que radicalizou sobre o evangelho. Em mente, acompanhei a peregrinação dos menonitas saindo da Holanda, atravessando a Alema-

[4] Discípulo de Lutero, todavia, ainda mais ortodoxo nas questões evangélicas.
[5] Simão se referia ao costume religioso dos batistas. Os outros praticam a cerimônia do batismo como os católicos.

nha e chegando ao Volga, tendo como promessa da Czarina Catarina II a garantia de identidade religiosa. Acreditei, mais uma vez, na importância de terem a fé absoluta. Levavam consigo, mais que promessas de trabalho para garantia da vida de seus filhos, uma fé e os costumes evangélicos. As tempestades em suas andanças eram superadas com serenidade pela força vinda da crença. Olhei para a figura serena de Simão e nele reconheci os homens crentes de Meno. O católico Simão tinha a caridade deles, embora mais suave na crença. Pensei, distraído: como é possível ferir um ser humano como foram feridos aqueles que não puderam ficar onde queriam. Lembrei, também, dos diabos portugueses e espanhóis expulsando os índios, logo aí adiante, nas missões. A violência esparramada!

Naquela manhã, expus a Simão meu desejo de revelar quem eram os alemães-russos da minha infância. Busquei convencê-lo do valor de ele também ter a alegria de saber seu passado. Cheio de boa vontade, falou:

– Eu sou alemão-russo, mas nada sei sobre como nós chegamos aqui. Tem o velho Gertz que pode ajudar a gente, e não é muito longe onde ele mora.

– Veja, Simão. Se conseguir falar com o velho Gertz, vou ficar muito bem por saber da história de tua gente. Tem mais, Simão, com esse velho vou conhecer, também, o jeito dos alemães-russos de lidarem com a velhice e com os mais velhos.

Ele falou, categórico:

– Augustinho, pode contar comigo!

Era dezembro. Tendo meu irmão como testemunho de um jeito sobre-humano de lidar com a morte, e tendo Simão companheiro de uma história, firmei o propósito de revelar a grandeza deles. Abracei-o, confirmando o meu retorno para janeiro. Tempo de visitar o velho Gertz.

Surpresas de janeiro

Havia três intenções na visita de janeiro: ver meus irmãos, comungar com o Bento e a Nila em nossas dores e falar com Simão. O velho Gertz não me saía da cabeça.

Visitei meus irmãos, abracei o Bento e a Nila. Minha esposa Solange ficou com os dois, e eu fui conversar com Simão. Bento me alertou: ele não vai poder te acompanhar até o velho Gertz.

– O que houve?

– Simão voltou ontem da cirurgia. Ele pôs prótese no fêmur.

– Então vou fazer uma visita.

Fui vê-lo. Encontrei Frida, sua amável senhora, muito fragilizada. Sofrera, poucas semanas antes, de uma isquemia, deixando-a fraca de corpo e angustiada de alma. Olhei-a com ternura, sabedor de sua bondade. Encontrei Maria, a filha de Simão, que veio buscá-lo e cuidar melhor do pai em Itaqui. O Celino, vizinho, ajudava-o a se mover.

– Então, Simão, te acertaram?

– E como. Maria, mostra pro Augustinho o pedaço que me tiraram.

Lá veio ela com um vidro e, dentro, a cabeça do fêmur. Não me agradou ver o que estava fora de lugar. A intimidade do corpo arrancada e toda machucada me enojou. O rosto, por certo, mostrou meu desprazer.

Não demorou a que os alemães-russos presidissem nossa conversa. Simão falava alegremente sobre histórias e mais histórias. Narrou-me sobre carruagens e cavalos. Celino, vizinho do Bento, também tinha notícias deles. Tanto a Simão como a Celino, as lembranças fortes expressavam o cuidado deles para com seus cavalos e carruagens. Celino revelou a lembrança de trinta anos atrás:

– Passavam junto à nossa casa. Vinham a Santo Cristo para realizar o casamento civil ou iam visitar parentes em Alecrim. Num certo dia, pararam em frente à nossa casa, pedindo água. Minha mãe lhes trouxe um balde cheio. Para nossa surpresa, primeiro deram de beber aos cavalos. Minha mãe, muito admirada, falou:

– Trouxe a água para vocês!

– Senhora, quem está cansado de puxar a carruagem são os cavalos, um deles disse.

Depois tomaram da água, agradeceram e seguiram viagem.

Simão interveio:

– E quando vinham para se casar, era de ver os enfeites dos cavalos. A jardineira, que chamavam de *Federwan*, era diferente daquelas dos outros colonos. Além dos cavalos, amavam o Deus da religião que tinham. Deus, a família e os lindos cavalos, e era tudo para eles.

Simão continuou, animado:

– O casamento se fazia com uma festa de três dias. Os noivos sofriam na mão dos convidados. Da igreja até a casa, onde a festa era realizada, eram postas barreiras com pedras ou troncos de árvores. Os noivos deviam trabalhar para afastar esses obstáculos. Tem mais... É interessante de ver... Os crentes da crença batista batizavam os jovens aí no riozinho da Linha Mirim. O rio tinha um poço fundo. Nas margens, havia árvores bonitas. Os galhos faziam sombra nas águas limpas. O pastor tomava seus fiéis, dobrando-os dentro das águas. Assim eram batizados. Não posso deixar de lembrar da história de uns garotos muito divertidos. Eram poloneses muito alegres

que em tudo, e até nas coisas de Deus, faziam graça. Num sábado, antes da cerimônia do batismo, eles modelaram uns bonecos no barro, pondo cachimbos na boca deles. Numa tábua, escreveram: *Também nós gostaríamos de receber o batismo, mas não queremos que nossos cachimbos se apaguem.*

Rimos todos da forma de Simão narrar a história dos bonecos e dos cachimbos.

Maria, atenta à posição de Simão sobre a cama, falou:

– Pai, o senhor não pode pôr seu pé direito sobre o esquerdo. Esqueceu das recomendações do médico?

As palavras lhe saíam claras, sem qualquer sotaque. Despojavam-se nelas os resquícios do som aberto, próprio das falas de origem. Lembrei da menina que fora Maria, e eu, em férias do seminário, carregava-a sobre meus ombros em pescarias que a gurizada fazia nos riozinhos da Divisa. Ela falava dos filhos casados e da presença carinhosa do temporão. Vibrava por vê-la orgulhosa de seu menino de doze. Admirava a clareza de ideias e a segurança com que o piá se movimentava entre os adultos.

A grande surpresa foi ouvir de Frida:

– Vocês estavam falando dos cavalos e das carruagens dos alemães-russos. Augustinho, você sabia que quem fabricava as *chessie* era eu e o Simão?

– Não sabia, Frida.

Quando mais jovem, via o Simão malhando ferro e lidando com aros de rodas, mas não tinha ideia de que fazia carrocinhas.

– Era eu quem fazia os acabamentos. Era eu quem costurava as lonas para a cobertura e as laterais. A pequena janela de trás, eu fazia também.

Aí entrou Simão, com voz comovida por lembranças:

– Eu tinha dois trabalhos, de ferreiro e de marceneiro. Tenho ainda os moldes das laterais de madeira. Ouvia eles, de como queriam. Fiz um modelo com pequenos quadrados que, depois de

trabalhados com formão, ficavam muito bonitos. O que mais custava era fazer o molejo. As carroças eram mais simples de fazer, mas as carrocinhas de passeio davam muito trabalho. Dei muita alegria pra eles. Saíam aí da ferraria muito faceiros com os cavalos que brilhavam e as carrocinhas bem coloridas.

– Pai, nós temos os moldes no girau, Maria falou.

Fui ver e senti, com emoção, o descanso dos moldes.

Ao voltar pro interior da casa, havia um silêncio dentro de mim. Avaliei que era tempo de Simão descansar e de sua família preparar a ida para Itaqui.

Ao me despedir, entreguei a Simão um conjunto de ideias que poderiam provocar lembranças no velho Gertz. Completou seu interesse:

– Augustinho, vou falar com o pastor deles também. Acho que ele poderá ajudar ainda mais. Em março, vou buscar contigo o que os velhos alemães-russos sabem da história deles.

As surpresas de maio

Voltei em março para ter de Simão as notícias dos seus conterrâneos. Meu amigo ainda se recuperava da cirurgia do fêmur. Isso significava que poderia somente voltar para o início de maio. Recomendei que, ao ter com o seu Gertz, já pudesse provocá-lo com algumas perguntas a mais.

Retornei em 30 de abril, quinta-feira, para poder estar com o Bento e a Nila, pois fazia um ano de falecimento de minha sobrinha Orlene, a ser lembrado no dia 3, domingo. Trazia um gravador e fitas para as conversas com meu imaginário amigo Edwin Teodoro Gertz. Fui, à tarde desse dia, à casa de Simão falar mais sobre a realização das entrevistas com Gertz. Conversavam ele, seu irmão Aloys e o professor Celino. Disse-me, então, Simão:

– Augustinho, tive muitas outras ideias. Descobri uma sobrinha do seu Gertz. Ela também escreve sobre nós alemães-russos da Linha 13.

– Vamos ver, então, onde ela mora.

– Ela mora um pouco mais longe, lá na Linha Pederneiras. Isso já fica no município de Cândido Godói.

– Você me leva até lá, Simão?

– Levo!

Voltei-me para o Celino e falei:

– Já escrevi sobre os cavalos dos alemães-russos que passavam na estrada de tua casa.

– Pois é, lembro bem! E até do movimento da cabeça deles. Quando satisfeitos de tanto beber, jogavam com força a cabeça para trás, molhando o pescoço suado. Lembro dos pingos que brilhavam contra o sol. Depois os alemães-russos bebiam da mesma água, no balde em que os cavalos haviam bebido. E diziam: eles merecem mais que nós. Eles vieram de longe e ainda mais longe eles vão. Iam visitar os parentes deles em Alecrim.

Conversamos mais um pouco, e ouvi ainda de como Simão veio morar na Divisa:

– Sabe, Augustinho. Eu vim morar na Divisa por causa do velho Braun, meu padrinho de crisma. Eu criava porco, e duas vezes por ano ele vinha buscar os meus animais gordos. Mas quando eu era jovem, tinha aprendido a ser ferreiro. Quando nós formos para conversar com o Gertz, eu vou mostrar onde aprendi tudo que fiz. Como ia te falando, o Braun, quando vinha buscar os porcos, sempre me insistia de morar na Divisa para ser ferreiro. Ele foi um pai pra mim. Aí eu vim e me instalei bem onde o Külzer Edmund tinha a ferraria. Fazia de tudo, mas, às vezes, não tinha comprador e nem sempre precisavam do meu trabalho. Pra você ver como o velho Braun me ajudava! Quando nenhum dos alemães-russos comprava minhas carrocinhas de mola, *also Fenderwan,* o velho Braun as comprava e me ajudava a negociá-las. Assim eu ia me defendendo. *Oiê, sei ruich,*[6] se não fosse ele, eu ia passar mal.

Era quase noite, e o vento seco ressecava ainda mais as folhas murchas de todas as árvores. Dois meses sem chuva, e a noite não fazia promessas. Despedi-me, deixando acertado que às oito horas do dia seguinte, 1º de maio, iríamos entrevistar o seu Gertz. Mal sabíamos que o silêncio habitava os lugares da Linha 13. A poeira levantava, apagando esperanças. A Divisa estava feia com os dois meses de seca. Lembrei de Heráclito... *A harmonia invisível supera a visível, pois que até o seco verdece.* Mas que chova antes que a bergamoteira venha a perder o viço de sua natureza.

[6] Fica quieto.

Fui ver como estava meu irmão Carlos, e depois jantamos. Estávamos jogando canastra quando chegou o Bento do ensaio de canto para que a missa de domingo lembrasse a morte da filha Orlene. Chegou dizendo:

– Sabe, tenho a impressão que você não vai entrevistar o velho Gertz.

– Brincadeira! Faz pouco falei com o Simão. Ele acha que o seu Gertz foi para Santo Cristo.

– Foi e não voltou. Ele faleceu!

Fez-se silêncio mais dentro de mim que no ambiente. Pensei: quem sabe se o seco não verdece?

Resolvi participar das exéquias do velho alemão-russo. Por certo, quando menino, tantas vezes vi passar por mim um homem vigoroso com seus cavalos bem aparelhados. Arrefeceu-se o ânimo do jogo. Fui dormir com o seu Gertz silencioso dentro de mim. A minha preocupação era de o Simão não querer participar do enterro do velho Gertz. Torcia para que pudesse encontrar toda a gente conhecida dele. Mal dormi. Minha curiosidade era grande. Será que a sobrinha, escritora das coisas deles, estaria lá? Eu não seria inconveniente perguntando sobre a vida diante da morte?

Manhã de dor em sol ardente

Manhã de sol e das mesmas poeiras. Não eram bem oito horas. Foi quando cheguei à casa de Simão. Minimizou-se minha tristeza ao saber que também ele queria ir ao enterro do velho Gertz. Enquanto ele se ajeitava, percebi que minhas roupas estavam muito esportivas para rezar por Edwin. Desculpava-me, pois era das circunstâncias toda culpa. Prontos, partimos na direção do horizonte donde vinham os alemães-russos de minha infância. A primeira parte da estrada era conhecida. Andava aos domingos brincando com meus amigos quando criança. Por aquela direção moravam os Müller e os Kaufmann. Depois, a cada metro, descortinava-se o horizonte das terras em suaves elevações. Predominava o cinza das palhas da soja recentemente colhida. Pulsava o meu peito por pensar encontrá-los de uma vez. Que viagem! Então era por aqui que eles passavam... Por certo, entre árvores altas, e não como agora, quando a terra nua mostra o dorso sem nada esconder. Não havia mais o pudor encobrindo a intimidade das matas. O inhambu e a pomba carijó perderam as árvores protetoras. Era também por aqui que o pessoal da Divisa ia até Guarani para buscar os mantimentos no início da colonização em 1912. Mal havia iniciado a viagem ao encontro deles e já divisei não mais suas carrocinhas e seus cavalos fortes, mas somente carros de todas as marcas ao redor da igreja. Meu Deus, como moravam perto os alemães-russos! Como se fizessem parte do meu quintal.

Chegamos, e a tristeza movia o coração para um silêncio constrangedor diante da morte. Não saberia dizer se assim era por causa da perda do velho morto, ou porque era esse o caminho de todos. Aí bem perto estava o cemitério para dizer que ninguém esca-

paria. De minhas antigas lembranças, só a poeira vermelha, nada de cavalos vermelhos, dos homens e mulheres, junto à igrejinha, ninguém de cabelo vermelho, nada mais das carroças com seus animais ligeiros. Apenas carros e mais carros. Simão, mais atento às minhas intenções, foi falando:

– Vou perguntar se a sobrinha dele veio. Aí você pode conversar com ela.

Estava quieto e nada perdia, desde a pequena igreja ao silêncio dos falecidos. Chamou-me atenção o cemitério com suas pedras erguidas e bem feitas. Pensei: se daqueles que partiram, nada mais a fazer, cuidam tão bem, possivelmente cuidem também dos velhos destas colônias. Fui me aproximando com respeito. Todos bem vestidos, e eu com a camiseta do Sesc com a inscrição: *maturidade ativa*. Tudo a ver com os acontecimentos... E aí o silêncio respeitoso. Nunca desejei tanto uma camisa decente. Entrei com cuidado, pois no caminhar solene queria minimizar o efeito de minhas roupas. Dirigi-me para frente onde estava aquele que procurava fazia meses. Confesso que estava pesaroso. Quieto estava meu gravador no carro e quieto quem eu entrevistaria. Nunca havia visto um alemão-russo falecido, e o primeiro era com quem queria falar. Queria perguntar, e ninguém para responder. Pedi, confesso, sem muita convicção, que Deus o tivesse melhor do que comigo. Que as questões infinitas fossem fáceis para ele, pois já havia respondido tantas entre muitas dificuldades. Simão passou por mim e foi ter com um dos filhos do Gertz. Falou de minhas intenções e se, acaso, a sobrinha dele estaria aí. Admirei a serenidade de seus rostos. Imediatamente, um deles se afastou dos irmãos e, entre os que oravam em silêncio, procurou aquela que podia dizer melhor sobre a vida deles. Era retilíneo como os outros irmãos. Avaliei, pelo tamanho do filho, o tamanho do pai. Chamou a mulher, retilínea também. Saímos compungidos eu e ela da igrejinha. Fui falando a que viera. Estava pesaroso com o acontecido. Ela ainda perguntou se queria conversar naquele momento. Disse que me sentiria melhor se pudesse primeiro participar da cerimônia das despedidas. Solicitei pelo seu nome. Respondeu: Karin Angélica Fester. Entramos.

As despedidas

Confessava-me um pouco envergonhado. Estava curioso sobre a condução das exéquias. Mais: era a primeira vez que participava de um evento com os evangélicos. Eu católico, embora pouco devoto, queria estar sinceramente com eles. Dividia meus sentimentos entre a dor de não poder falar com Edwin, a dor de ver a tristeza de seus filhos e os procedimentos que cumpriam para assimilar a mais grave das despedidas. O que fariam para minimizar a tragédia dos laços rompidos? Veio o pastor, quase um menino. Apresentava-se de batina e um pequeno peitoral branco dividido ao meio, semelhante aos peitorais que os irmãos lassalistas usavam antigamente, ou seriam os maristas? Isso que põe no peito deve ter um sentido que passa pela pureza de intenções e a nobreza de sentimentos. O que não podia era perder o cerimonial. Nenhum sentimento alterado, nada que indicasse dor suprema. Quase estoicos, ouviam o pastor. Palavra por palavra, canto por canto, fui divisando a crença absoluta de outra vida. Todos mergulhados no destino mais claro e definitivo do Edwin. O sofrimento da perda e do vazio consequente era pouco comparado ao que mostravam em sua fé. O pastor, sereno, confortava, começando seu discurso com o poético salmo 103:

Compassivo e misericordioso é o Senhor; tardio em irar-se e grande em benignidade. Não repreenderá perpetuamente, nem para sempre conservará a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui segundo as nossas iniquidades. Pois quanto o céu está elevado acima da terra, assim é grande a sua benignidade para com os que o temem. Quanto o oriente está longe do ocidente, tanto tem ele afastado de nós as nossas transgressões. Como um pai

se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem. Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó. Quanto ao homem, os seus dias são como a erva; como a flor do campo, assim ele floresce. Pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não a conhece mais. Mas é de eternidade a benignidade do Senhor sobre aqueles que o temem, e a sua justiça sobre os filhos dos filhos, sobre aqueles que guardam o seu pacto, e sobre os que se lembram dos seus preceitos para os cumprirem.

O pastor, todavia, apesar da fé, não esquecia da tragédia da morte e de seus mistérios. Discorreu sobre a finitude humana. Ressaltou o abandono em que a família se encontrava por mais solidariedade que encontrasse. Mostrou o que aconteceu com Cristo: *Pai, meu pai, por que me abandonaste?* Acentuou a fugacidade da juventude: *Pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não a conhece mais.*

Lembrei-me, então, de um texto que havia escrito sobre a Igreja Católica e que tão bem caía nesse momento[7]:

Convém ainda destacar a presença da igreja local diante da morte. As dores da separação de pessoas, de suas famílias e de suas comunidades, não raras vezes, podiam chegar ao desespero, mas a Igreja apontava para a esperança e um sentido de permanência pela fé na transcendência. O efeito devastador da morte sempre foi minimizado pelos rituais de despedida carregados de sinais indicativos de solidariedade e de leituras que apontavam para a imortalidade.

Seu discurso era entrecortado com cantos. Três cantos em alemão. Pensei: vou buscar quem os traduza. Provavelmente, foram trazidos das estepes ou da Alemanha e guardam uma carga representativa da origem de seus costumes. Perguntei ao jovem a meu lado:

– O que dizem no canto?

Vi tudo. A gurizada está perdendo a sua originalidade. Dirigiu-se para o lado onde havia um senhor de meia-idade. Baixinho, disse-me:

– O canto fala de viagem.

[7] KLEIN, O. J.; BOTH, A. *Diocese de Passo Fundo*: 50 anos. Erechim: São Cristóvão, 2001.

Pensei, com certa dose de humor: põe viagem! Depois me recolhi e me abatiam certas ideias. Como demorei a encontrá-los! Mal se faziam quinze quilômetros, e toda a minha infância estiveram longe de mim. Duvidei da conduta cristã de ambas as partes, da minha e da deles. Não fazia sentido algum que não tivessem crescido ao meu lado. Passaram silenciosos por minha casa, cheios de vida, e deles nada colhi. Eram estranhos seres e quase fazendo parte do meu pátio. Agora, pela primeira vez, juntos, mas diante da morte e de um pastor que os animava para que a fé não esmorecesse. Abatiam-me a pouca caridade e a muita fé. Notável para mim foi o momento em que o pastor leu como que para que soubessem para quem rezavam. O pastor se pôs a ler em voz mais alta, e eu a cada sentença refletia:

Edwin Teodoro Gertz: Teodoro também é o nome da figura do conto acima referido, mas Edwin e Gertz nada têm a ver. Imaginei a mesma leitura feita nas estepes, enquanto o vento roubava a voz dos pastores. Hoje, é certo, nada mais resta dos falecidos, e não há vento que lembre deles. Donde fui tirar o Levonius de meu conto? Claro, nada sabia deles. De fato, as ideias são apenas sombras da realidade, bem como quer Locke.

Nascido em 1926: provavelmente, seu Edwin Teodoro não veio da Rússia, embora muitos deles tivessem vindo em 1929.

Casado em 1956 com a senhora Fester: exigente o homem, pelo jeito. Custou a encontrar sua companheira. Um alemão-russo ficar sozinho durante 30 anos...

Teve dez filhos, cinco homens e cinco mulheres: quanta gente. Como são eles? Como teceu o caráter deles e delas? A retidão das crenças faz homens e mulheres terem poucas dúvidas.

Profissão, agricultor: como a maioria de seus antepassados. Aprenderam a espalhar sementes e colhê-las dobrados sobre elas.

Faleceu no dia 30 de abril de 2009 de derrame digestivo: como as crianças da Divisa nos anos de 1934 e 35. A morte não perde chance alguma.

Concluída a cerimônia, o pastor convidou a comunidade a se despedir de Edwin Teodoro Gertz e, depois, que os familiares fizes-

sem o mesmo. Falei mais uma vez com Karin, juntamente com Simão. Os pais dela convidaram a que fôssemos até sua casa em Linha Pederneiras em Cândido Godói. Olhei para Simão, a ver se ele estaria disposto a mais essa. Disse que sim. Tomou o endereço das estradas que conduziriam até a casa do seu Fester. Após, seguimos ao cemitério.

Agora via de perto as pedras erguidas e as inscrições dizendo das virtudes, da identidade, das confissões que presidiram a vida dos falecidos. Os demais procedimentos eram como na minha infância. O falecido levado ao fundo com cordas que se prendiam a ganchos. Pelo menos evitaram o som soturno da terra jogada sobre o caixão no fundo da cova, que ainda ouço dos enterros da Divisa de minha infância. O pastor, mais uma vez, leu solenemente a identidade e a mortalidade de Edwin para que todos soubessem a quem estavam enterrando. Eu olhava para os filhos diante do pai que descia. Estavam solenes, e nenhuma emoção os abatia. Estavam como uma rocha diante da tempestade. Avaliei que assim procediam por causa da fé. O pastor confirmava novamente a imortalidade e a certeza de outra vida, dizendo aos filhos que tudo era para até breve. Depois se dirigiu a eles, abraçando-os.

Tomei o *e-mail* do pastor para que posteriormente pudesse me comunicar para aprofundamento da vida dos alemães-russos. A viúva estava humilde, e sozinha estaria em sua casa, depois eu saberia, com uma filha com limitações físicas. Surpreendente foi a curiosidade de alguns deles quando Simão revelou a razão de minha presença. Ficamos entre os túmulos, e ouvia de um deles uma surpreendente revelação. Ele narrava as lembranças de sua avó. Também avaliava que não saíram da Rússia por causa da primeira guerra, mas devido às suas crenças e à revolução russa ao final de 1800 e início do século seguinte. Perguntei se sabia dos menonitas. Confirmou, mas se adiantou dizendo que outras levas de alemães haviam se dirigido para as terras de Wolhynien, hoje Ucrânia. O pastor Schmechel, ao se despedir, ainda brincou quando lhe disseram que em Santa Rosa havia um fotógrafo Schmechel. Perguntou-lhes se era elegante. Responderam que sim. Riu-se de uma sincera alegria: então, tem mais um bonito na família! Avaliei que a hora da morte é circunspecta, mas depois a vida merece suas virtudes, entre elas, o bom humor.

Voltando para a Divisa

Nada mais havia a fazer. Mil ideias rolavam velozes. Tinha agora a certeza de onde vieram. Wolhinyen então era a região. Pensava mais: não é a mesma região das planícies do Volga? Deixa estar, dia 4, segunda, vou com tudo mergulhar na internet. Falaram ainda terem vindo parar aí em função da primeira guerra. Pensava diferente. Em razão da guerra não podia ser, pois muitos alemães já saíam de lá antes de 1914, e a Rússia não podia dispensar a produção agrícola, e a boa engenharia de máquinas – era de todos sabido – constituía importante lucro para as divisas russas. Todavia, os pobres sempre foram bucha de canhão, não importa onde. Minha hipótese maior era a de haver uma grave indisposição da política interna contra eles. Mas não era essa a minha motivação no momento. Poderia ver isso mais tarde.

Agradeci sinceramente ao Simão e ao Aloys:

– Sabem que estou muito contente pelo favor de me trazerem para cá.

– Isso não é nada, falou Simão.

– Para mim é muito. Cheguei tão perto daquilo que me estava distante desde a infância. Os alemães-russos que passavam em silêncio perto de minha casa, quando criança, agora conversam de diversas maneiras dentro de mim.

– Amanhã, Augustinho, tu vai ver só, tem ainda mais.

Um silêncio de dez minutos se fez, e eu estava comovido, estando comigo dois alemães-russos católicos, comprovando que

havia grandes levas e de diferentes crenças saindo da Rússia. Já não me importavam os menonitas que tinham ido para as planícies do Volga em 1750. A história dos alemães-russos cuja descendência me cercara era posterior.

Comovia-me o sentimento da maior solidariedade. Meditava sobre o pecado dos diferentes credos fazendo afastar pessoas boas. A celebração em torno do seu Gertz poderia conter a suave oração do pessoal da Divisa. Qual o sentido de estarem ainda cada qual no seu canto orando em diferentes igrejas?

Se Lutero pretendia corrigir, e com razão, os desvios da Igreja, já era tempo de voltar ao tempo da fraternidade. O menino que fui abraçaria os alemães-russos, suas carroças e seus cavalos, não havendo nada superior a essa verdadeira e maior devoção. Deus não carece de nossa força e diálogo. Seus filhos, sim, que frágeis perambulam com sacrifício de um lugar para outro. No entanto, diante da morte, eu vi o quanto Deus *Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem. Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó.* Assim, é bom ter onde pôr a nossa cabeça diante do mais absoluto abandono. Contudo, se pudessem repousar sua pequenez nas mãos uns dos outros, por certo, teriam melhor destino.

Já chegava na Divisa. Breve era o tempo de meditação. Pouco mais de quinze minutos era o tempo de viagem, pouco mais de dez quilômetros era a distância que nos separava, e eu pela primeira vez fui ter com eles. Que das planícies onde moram possa vir um pouco mais de suavidade entre as diferenças. Tudo era causticante às onze e quarenta e cinco daquele dia 1º de maio. Secas eram as pisadas sobre as folhas mortas, mas viva a voz e vivo o pensamento generoso.

Conhecendo as casas

Sábado, 2 de maio. Havia as poeiras e as estradas que se cruzavam. Sentia-me o próprio Teseu no labirinto de Minotauro, entretanto, não precisava de uma Ariadne para me guiar, estava comigo o Simão, competente para desvendar aqueles caminhos que se cruzavam. Ia mostrando as esquerdas e as direitas. Ora passava por igrejas batistas, ora por luteranas e por casas bem feitas. Ele mostrava feliz o seu lugar de infância:

– Olha ali, Augustinho, aqui eu me criei. Lá nasceu a Frida. Mais adiante dali eu morei como agricultor. Te falei como o Braun me comprava os porcos e como me convidou para ir para a Divisa para ser ferreiro. Tá vendo aquele lugar lá embaixo? Foi lá que aprendi a ser ferreiro. Naquele potreiro encontrei a Frida quando a gente se reunia com todos, não importando a igreja que a gente frequentava.

E eu na direção, ora para a esquerda, ora para a direita. Mal se passara meia hora, e meu mestre dos caminhos:

– Agora vai devagar, que é a entrada para a casa do Fester. É na segunda casa desta estrada.

Fui indo.

– É aqui!

Tão lindo quanto a casa estava o pátio. O pomar apresentava as folhas verdes que murchavam. O Simão bateu palmas, e apareceu um senhor de idade, muito respeitoso. Pedimos pelo senhor Fester.

– Vocês se enganaram, ele mora ali adiante na última casa dessa estrada.

Divisamos entre os sofridos verdes empoeirados a casa do senhor Fester. A família toda nos esperava. Apreciei a casa, e nela entramos. Sentamos junto à mesa onde estavam espalhados xerox que diziam da vida deles, mas em alemão, e um livro composto pela filha Karin e duas outras autoras[8].

A conversa começou tímida, mas decidida. Disse mais uma vez que a minha intenção era mostrar o que em mim estava oculto: era a história dos alemães-russos que desde criança silenciosamente me acompanhavam, mas ultimamente queriam se pronunciar. Disse à Karin, ao pai e à mãe que já havia escrito sobre a Linha Divisa, mas, agora, tinha uma grande curiosidade sobre suas vidas. Havia uma espécie de desejo de descobrir a aventura maior de sair da Rússia e chegar até perto de minha casa. Como se dera a procissão dos desamparados? Sempre me agradou descobrir desenhos de bom tamanho. Assim como ao fotógrafo agradam paisagens, a mim agradam os lugares e os perfis humanos.

Comecei a folhear o material e agradecia o que me era mostrado. Disse que, particularmente, o livro das autoras me ajudaria muito e que, pelas notícias colhidas pela manhã do dia anterior, teria onde procurar. Ao afirmar que naquela ocasião havia me chamado atenção um senhor de fala bem feita e que ele lembrava as conversas de sua avó, falou Karin:

– Ia, Ia, é o Nelson Eberhardt.

– Ele é o filho do homem que mora onde vocês estavam primeiro, falou a mãe.

– É difícil conversar com ele?

– Não, não, disse o senhor Fester.

– Será que pode vir aqui?

– Ele deve vir, falou o pai.

Imediatamente, o senhor Fester saiu da sala. Mal haviam passado quinze minutos, e veio o senhor Nelson.

---

[8] KELM, M.; SCHROEDER, M. R.; FESTER, K. A. *Raízes de nossa história*: Linha Dr. Pederneiras. Horizontina: SR Indústria Gráfica, sem data.

– Que bom que o senhor veio, falou o Simão.

Disse-lhe que haviam me causado ótima impressão as lembranças que tinha das narrativas de sua avó sobre a vida na Rússia.

Inicialmente desculpou-se muito, sentido por saber tão pouco de seus antepassados. Arrependia-se de não ter sido bom ouvinte e muito menos interessado em saber mais das origens ditas pelas histórias de sua avó.

– *Von wo ist mein Oma her gekomt*[9]. Hoje se pudesse perguntaria muito sobre ela e como viviam.

Nelson trouxe, a seguir, memórias de sua linha e daqueles que viviam sob a mesma confissão luterana. E como sempre, tanto com ele como com os textos e outras conversas, a referência eram os pastores. Eram eles que sustentavam a unidade e a identidade principal. A confissão religiosa dos fiéis garantia os fundamentos seguros de andar sem perder o sentido da vida. Vinham generosamente oferecer a sustentação da virtude cristã. Trouxe de primeira lembrança o pastor Federico Hort, que deixou escrito um livro revelando seus esforços para atender os fiéis evangélicos. Nelson narrava:

– Visitava as comunidades todas e ia até Santo Cristo atender os doentes. Movimentava-se montado numa mula. A chuva e o sol não impediam que cumprisse sua missão de animar e consolar. O pastor Federico escreveu um livro e nele narra sobre uma noite em que caiu numa ponte. Veio de longa distância, molhado até sua casa, chegando de madrugada. Tinha para ajudá-lo sua mulher e os filhos.

Lembrei imediatamente do que eu havia escrito em minhas memórias, há mais de 24 anos[10]:

Chegou um dia, em visita, a figura rústica do Pe. Mühl, que mais vivia sobre a mula nas picadas de Santa Catarina do que sobre suas próprias pernas. Tinha um rosto austero e solitário. Tudo que nele havia era solidão. A batina estava suja, em harmonia com suas velhas botas. Era um legítimo missionário sem lugar. Encurvado, apesar de forte, demonstrava as dificuldades de seu ofício. Carregando

[9] De onde veio minha avó.
[10] BOTH, Agostinho. *Pedagogia seminarística*. Passo Fundo: Editora UPF, 1986.

os arreios, caminhava desajeitadamente no corredor. Eu me perguntava, pode haver felicidade quando se veste sem nenhuma pretensão?

Nelson ia falando mais sobre o empenho dos pastores em torno da construção de escolas e na melhoria das culturas. Orgulhava-se do pastor Lehenbauer que introduziu o cultivo da soja. Percebia, à medida que o narrador revelava os esforços na constituição da identidade local, o mesmo que a Igreja Católica fizera na Diocese de Passo Fundo. Testemunha disso é o texto escrito em 2001[11]:

Mas a verdade era que o Estado foi omisso na maioria das vezes privilegiando outras camadas sociais que não estas de campesinato localizadas no Norte do Estado do Rio Grande do Sul. Nesta circunstância, os sacerdotes com as lideranças souberam avaliar as formas de intervenção conformando-se às novas intenções da Igreja. Os movimentos históricos do socialismo e as levas de excedentes dos trabalhadores europeus para estas terras expulsos pela racionalidade produtivista mudaram significativamente o perfil de atuação da Igreja. Havia que se salvar a dignidade e o sopro da fé.

O que é dito em torno da formação social dos fiéis, tanto católicos como luteranos, pode-se dizer da proteção da identidade. Mais fez a Igreja que o Estado para dar conta de quem eram e de quais os papéis a serem cumpridos. Enquanto os católicos tinham mediadores constituídos por santos e outros seres, os evangélicos se desdobravam em assumir a invocação e o apoio direto de Deus, todavia, a última e maior esperança da vida pessoal e comunitária provinha de um sentido transcendental, garantido por pastores e por padres.

A fé em comum, confessada publicamente nas celebrações coletivas, mensalmente ou anualmente repetidas, apontava para a unidade e para os compromissos últimos de cada um, sustentando-os num patrimônio cultural e espiritual, densificando o seu sentido social, pessoal e transcendental.[12]

Feitas as digressões em torno das conversas de Nelson, continuemos a ouvi-lo:

---

[11] KLEIN, O. J.; BOTH, A. *Diocese de Passo Fundo*: 50 anos. Erechim: São Cristóvão, 2001.
[12] Idem, ibidem.

– O pastor era responsável por atender mais de dez comunidades daqui e ainda ia para Alecrim animar os outros luteranos. Só pra ver o quanto não só os pastores sofriam, mas sofriam todos aqueles que necessitavam de deslocamento.

Nelson retomou em sua narrativa quem eram os que moravam em Alecrim:

– Lá também morava um que viera de Wohlynien.[13] Sei que nem todos vieram para o Brasil. Alguns dos nossos que moravam na Rússia retornaram para a Alemanha, outros foram para o Canadá. Nós inclusive temos parentes no Canadá. Então eu penso que eles sofreram pressão dos nativos da Rússia. Minha avó falava dos mujiques[14]. Ela dizia que eles não eram muito amigos do trabalho. Os nossos antepassados, percebendo que a situação estava difícil, começaram a negociar com judeus tudo que podiam, principalmente gado e porco, já com a intenção de voltarem para a Alemanha. Alguns iam a cavalo um eito, depois mais adiante vendiam também o cavalo.

Nesse momento, Nelson fez uma pequena pausa, e vieram-lhe lembranças muito vivas sobre as narrativas de sua avó, as quais transcrevo:

– Minha avó sempre contava que eles saíam de noite. Acendiam uma lamparina. Não sei se naquele tempo acendiam com querosene ou banha.

O seu Fester interrompeu a conversa, ajudando Nelson, dizendo que era com banha.

– Eles botavam a lamparina na janela e saíam. Eles olhavam de volta sempre assim. Olhavam até que a lamparina se apagava. Aí eles iam embora.

Interrompo por um instante a narrativa de Nelson. Quando ele assim falou, mal continha a minha dor, medindo a dor daqueles

[13] As razões da retirada dos alemães-russos são consideradas adiante, por meio de um artigo do pastor Alfredo Gutjahr.

[14] **Mujique** era a denominação dada ao camponês russo, normalmente antes de o país adotar o regime socialista (1917). Ela indica certo grau de pobreza, uma vez que a maioria do mujiques eram servos antes das reformas agrícolas de 1861. Depois desse ano, os servos receberam determinadas áreas para trabalhar a terra e se tornaram camponeses livres. Esses camponeses livres foram então conhecidos (até 1917) como mujiques.

que se despediam de suas casas e por lembrar todos aqueles que ficavam enterrados nas aldeias. O cerimonial da lamparina, ao se romperem os vínculos com o lugar e a casa, minimizava a dor, pela luz que, aos poucos, apagava-se.

Para alguns deles, já era a segunda retirada. A primeira foi aquela que, premidos pela fome, fez que saíssem da Alemanha na direção leste. Vinham para comprar terras em Wolhynien, mas já era diferente da proposta oferecida por Catarina II aos menonitas, os quais se dirigiram às planícies do Volga perto do estuário do mar Cáspio. Possivelmente faziam parte das levas de 1812 ou de 1860. A partir de então, as terras começaram a se tornar caras, inibindo outras levas. Os movimentos sociais da Rússia, de modo especial a partir de 1880, recrudesceram, ameaçando a todos e, de modo especial, aos imigrantes. Em 1905, a revolta dos pobres operários e dos mujiques tornou-se incontrolável, principalmente com o estopim do massacre em São Petersburgo. Tem-se a impressão que, como no Brasil, ao chegarem na Rússia, alguns alemães, dependendo do grau de suas pequenas posses, empregavam-se também nas fazendas de ricos burgueses e de nobres que detinham 25% das terras boas. Outros compravam ou recebiam pequenas posses e aí viviam em pequenas colônias, o que, na convulsão social a partir de 1905, chamou atenção da cobiça das massas de mujiques que se sentiam socialmente relegados.

A questão está em: como viviam? Por certo, tinham proteção em sua fé e fortaleza nos pastores de suas paróquias, todavia, não suficiente para conter a violência que começou a se instalar, já a partir de 1880. Agora saíam não premidos pelas dificuldades industriais e da fome, mas por pressões sociais resultantes de políticas internas e de movimentos que davam a entender aos mujiques que os alemães eram intrusos, tomando suas terras. Nada, porém, comparado ao massacre praticado por Stalin, denominado de "holodomor" trinta anos depois[15].

[15] "Holodomor" (em ucraniano: *Голодомор*) ou "Holocausto Ucraniano" é o nome atribuído à fome de carácter genocidário causada por Josef Stalin, no comando da União Soviética, que devastou principalmente o território da República Socialista Soviética da Ucrânia (integrada na URSS), durante os anos de 1932 e 1933. Esse acontecimento — também conhecido por Grande Fome da Ucrânia — representou um dos mais trágicos capítulos da história da Ucrânia, devido ao enorme número de pessoas vítimas do bloqueio de alimentos feito por Stalin à Ucrânia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Holodomor>.

Os cálculos mais recentes do historiador Stanislav Kulchytsky, com base em fontes dos arquivos soviéticos, indicam um número entre 3 e 3,5 milhões de mortes.

Pela descrição da avó de Nelson Eberhardt, percebe-se a angústia da retirada. Ouviam dos mojiques, conforme Nelson: retirem-se agora numa boa, porque depois sairão com fogo. Atravessavam a Europa na direção de Bremen, cidade com leis de proteção aos imigrantes, ou para Hamburgo. Outros alemães, por certo, ajustaram-se às tempestades, trabalhando nas comunas, cooperativas rurais de trabalho, dominadas pela força estatal. Outros, resistentes, foram afastados pela morte. Isso não causa admiração, pois Stalin a partir de 1924 começou, com mão feroz, a acabar com qualquer resistência, chegando a centenas de milhares de pobres operários e trabalhadores do campo, impondo assim o socialismo.

Voltemos às narrativas de Nelson, as quais traziam sua avó por testemunha:

– Ela aprendeu a fazer suas vestes em casa desde o fio até a roupa. Aprendiam a ler e escrever em escolas particulares ou em casa, como foi aqui no início da Colônia Guarani, mas minha avó aprendeu a ler por conta própria. Entre os russos, poucos sabiam ler. Os mujiques eram pobres, muito pobres, como se fossem escravos. Eram os servos das grandes propriedades. Minha avó lia muito, e o que mais faziam era ler a bíblia. Rezavam três vezes por dia. Ainda aqui os mais velhos têm esse costume. De manhã cedo, você encontra o meu pai lendo a sua bíblia. Minha avó sempre dizia sobre a maneira de eles viverem. Tinham alguns porcos e um pouco de gado que, no inverno, era levado para dentro dos galpões feitos de estuque e cobertos de palha. A madeira era coisa rara, tanto assim que cuidavam muito das árvores. Minha avó contou um fato muito interessante. Como as noites eram muito longas, levantavam muito antes de clarear o dia. Certa feita, foi abrir o galpão, e um cachorro grande queria pegar um dos leitões. Tendo nas mãos um balaio de vime, espantava o cachorro para que não pegasse o porquinho. Tanto espantou até que o cachorro se foi. Depois meu bisavô disse que

não era um cachorro, mas sim um lobo. Tudo devia ser muito bem cuidado. Nada podia se perder. Durante o inverno, tratavam as lebres selvagens e os veados com pasto para que não morressem de fome e tivessem a possibilidade de uma caça. A caça, assim dizia minha avó, era proibida pelos donos das grandes propriedades.

Pela narrativa, chega-se à conclusão que, efetivamente, alguns viviam também numa espécie de servidão, a exemplo dos mujiques. Diante de tudo isso, constata-se que os vinte e cinco hectares, aqui recebidos, constituíam uma fortuna.

Nelson também falou sobre a existência de moinhos de vento. Curiosamente, numa das leituras sobre a vida dos alemães-russos, encontrei o modelo de um simpático pequeno moinho, bem menor que os moinhos de Quixote.

Em novembro de 2009, recebi de meu sobrinho Cesar Augusto, filho do meu irmão Bento, correspondência, trazendo lembranças, reunidas por Karin Fester, de avós que viveram na Rússia. Entre elas, as memórias de Nair Preischadt, neta de Nathália Gust Gertz, que nasceu em 9 de dezembro de 1891. Assim dizia a velha senhora, conforme Nair:

Aprendíamos a ler e escrever em casa dos pais. Nossos casamentos eram arranjados pelos pais, não havendo liberdade de escolha. Aos homens cabiam os trabalhos mais pesados enquanto as mulheres levavam o gado para as pastagens, cuidavam enquanto bordavam. As roupas eram feitas com costura à mão. As famílias eram numerosas. O cuidado com a saúde era feito com chás. Trabalhava-se no outono para ter um inverno mais tranquilo. Com o advento da guerra mundial as pessoas começaram a sentir muitas dificuldades, fazendo com que as famílias se dispersassem, algumas vinham para o Brasil e outras para o Canadá e outros países. As cartas no início chegavam, mas, com o passar do tempo os endereços foram mudando e os contatos se perdiam. Vários irmãos faleciam sem ter notícias um do outro. Havia muito medo e quando alguém demorasse na roça faziam-se simpatias para que nada ocorresse.

Memórias de um imigrante

Junto à correspondência de Cesar Augusto, veio um surpreendente testemunho da vida de imigrantes alemães-russos: biografia do senhor Eduardo Muller, traduzida do alemão pela neta Olívia Dragon, original encontrado em 2004 na casa de sua filha Vilma Baillke, em Toledo, Paraná.

Eu nasci dia seis de abril de mil, oitocentos e setenta e sete (06/04/1877), filho do professor Carl Muller e de Catarina Muller, nascido Hebstreit. Eu não cheguei a conhecer meu pai, pois ele faleceu quando eu tinha apenas um ano e meio de idade, em 1879. Ele era professor numa colônia na Rússia. Como mais tarde eu pude ver em seus escritos, ele também serviu num setor público e não foi apenas um simples militar. E ali faleceu da doença do tifo.

Minha mãe casou-se pela segunda vez. Eu e minha irmã, que tinha dois anos mais do que eu, tivemos um padrasto muito bom, mas em razão da pobreza fomos criados pelos avós. Quando eu fiz mais ou menos oito anos, meu avô trouxe uma cartilha e ensinou-me as primeiras letras e fui estudando o alfabeto, como era costume na época. Depois fui à escola. Aprendi com facilidade a ler e escrever, mas com dificuldades nos cálculos. O primeiro professor foi embora e veio o segundo que era mais enérgico.

Comprei, então, muito papel e escrevia sempre o que imaginava. Pensava que assim estaria aprendendo ainda mais. Isso resolvia muito pouco, uma vez que, para comprar bons livros, não tinha dinheiro ou qualquer outro recurso. Assim sofri até aos dezenove anos. Então eu vi que nada resolvia: eu precisava estudar no co-

légio. Então, tomei de empréstimo algum dinheiro e fui, durante o inverno, numa escola russa, na qual aprendi um pouco mais sobre alguns textos. Não era grande coisa, mas me ajudou. Eu consegui, então, trabalhar. Meus amigos e parentes me consideravam um professor. Eu me envergonhava sempre pela falta de conhecimentos e assim lutei até aos vinte e quatro anos.

Casei-me com uma moça boa e bonita, mas pobre como eu. Ainda bem que nós nos amávamos e, com amor, carregamos o peso um do outro. Eu, então, podia dizer, com amor e sabedoria: ela adoçou a minha vida. Ela era fiel e eu a chamava de meu anjo. Ela, porém, pedia para não chamá-la assim. Vivemos na Rússia sete anos e meio. Surgiu, entretanto, a viagem livre para o Brasil. Para melhorar nossa vida aqui chegamos. Queríamos fazer a nossa casa, mas foi uma decepção. No ano de 1908 não era como hoje. Minha esposa teve saudades. Queria voltar, mas não me culpava por isso. Só falava ao meu irmão: se ao menos pudéssemos melhorar a vida e com isso poder voltar. O destino, porém, foi diferente. E nós sempre com as mesmas palavras: por que estamos aqui? Ela adoeceu e faleceu. Fiquei sozinho num mundo desconhecido: gente estranha e eu com dois meninos, um de seis e outro de oito anos.

Em meio às dúvidas eu ia para minha colônia com as mãos postas e clamava: Senhor, me ajuda!

Se eu pudesse eu voaria de volta para a Rússia junto aos meus parentes. Mas não era possível. Tive de ficar. Veio, então, um conhecido também da Rússia e me falou:

– Homem, você precisa se casar!

– Não, isso vai ser difícil!, eu falei.

Ele continuou a insistir, dizendo:

– Sei de uma moça que, com certeza, irá gostar de ti.

Eu pensei sobre isso e cheguei à conclusão de que eu não poderia viver sozinho com meus guris. Fomos, então, até a casa da moça. Gostei dela. Era de pouca conversa, parecendo de bom caráter. Apenas falou: sim!

Quis ficar comigo, mesmo sendo viúvo, com dois filhos e 32 anos de idade. Casamo-nos e começamos a trabalhar com ânimo na colônia, mas por pouco tempo. Foi então que o pastor me chamou para trabalhar numa escola. Bem nessa época, meus pais também vieram para o Brasil. Entreguei-lhes a colônia e fui professor durante dois anos numa escola, indo depois para outra, onde trabalhei por mais dois anos e meio. Depois disso fui novamente para a colônia, mas apenas por algumas semanas. Aí apareceu um comerciante e me ofereceu uma filial e tornei-me comerciante.

Foi tudo muito bem. Lucramos muito até chegar a crise do tabaco. Perdemos tudo. Iniciamos tudo novamente, mas foi difícil. Foi quando a comunidade ofereceu-me a escola, reiniciando novamente. Fiquei mais três anos como professor. Daqui em diante só Deus sabe como será.

25 de setembro de 1931

Diversas são as questões que podem ser postas diante da trajetória de Eduardo Muller, que viveu em Laranjeira, hoje cidade de Ubiretama. A impressão que a narrativa revela é o quanto, como já foi posto, custaram os rompimentos afetivos. Não sobram muitas dúvidas sobre o desespero da primeira esposa de Eduardo. Possivelmente tenha sofrido de um grave transtorno de humor, baixando sua capacidade imunológica. O direito sagrado da ternura, em razão das políticas russas, foi ofendido, levando a que os cidadãos se tornassem vítimas da crueldade histórica imposta aos oprimidos. Faz pensar, por outro lado, o quanto coube de esforços para criar um sentido de cidadania aos filhos dos imigrantes. Embora o Brasil não tenha cumprido todas as promessas, foi-lhes oferecida paz, apesar da perseguição sofrida a partir de 1940, suavizada, porém, pela possibilidade de manterem as conquistas econômicas e culturais.

Edwin Teodoro Gertz

Escrevo sobre ele como homenagem a todos os alemães-russos que, enfrentando todas as dificuldades e dividindo a mesma fé, chegaram até as terras onduladas onde muitas espécies de animais corriam livres e as florestas tiveram que ser derrubadas para sustento de seus filhos.

Nasceu na Linha Dúvida e lá cresceu. Viveu a sua infância como a maioria, dentro da austeridade religiosa e dos princípios rigorosos dos dez mandamentos e de outros costumes que a tradição luterana impunha. Quando nasceu, em 1926, as comunidades já estavam formadas e as principais dificuldades afastadas, demonstrando-se que a educação e a fé eram boas, tendo em vista seus resultados. O trabalho duro sempre o acompanhou. Nelson, o seu Fester e esposa falavam intercaladamente:

– Tinha uma serraria em sociedade com o irmão e depois, quando o negócio já não era tão lucrativo, começou a trabalhar como agricultor. Casou-se com Erna Fester lá da Linha Silva Jardim. Não sei se respeitaram todos os costumes, uma vez que, quando o casal casava, punham empecilhos pelo caminho, e o noivo era obrigado a retirá-los para que pudessem dar continuidade ao passeio até a casa onde era dada uma festa. O certo é que cavalos e a carrocinha vinham cheios de flores e outros enfeites extraordinários. Tiveram dez filhos, todos saudáveis, menos uma que sofreu de paralisia infantil. O pai confiava que ela cuidasse das coisas da casa e dos documentos. Veio morar onde morava o senhor Reckziegel no ano de seu casamento, 1956. Estava sempre atento em torno da educação. Respeitado por

todos, participava ativamente da vida comunitária. Ele, por morar perto dos católicos, tomou deles alguns costumes como dançar.

– Nada contra isso, disse Nelson, mas não de dançarem trocando de pares. Aí mora o perigo.

Depois os três continuaram:

– Como todos os evangélicos faziam, de manhã eram feitas uma leitura e a devoção em família. As relações familiares eram austeras, sendo um homem muito simples.

– Apreciava todas as cores, menos o vermelho, por ser muito chamativo, ajudou Karin.

Nelson continuou:

– A austeridade dificilmente chegava a ponto de usar de força. Não que esse recurso não fosse utilizado. Os filhos brincavam de carrinhos e bicicletas de madeira, mas se não obedecessem aos horários, de acordo com o combinado, as atitudes mudavam. A família dele gostava de andar de *federwagen*[16], puxada por cavalos bonitos. Os cavalos sempre eram fortes, mas ele apreciava caminhar. E no dia anterior ao falecimento ainda fazia isso. Gostava de conversar com todos os conhecidos.

Disso dou testemunho por ver a igreja cheia e como o tocavam respeitosamente na despedida, cumprindo a tradição de seus pais. Queriam dizer em palavras o seu adeus, mas tudo estava em silêncio. Assim completou-se a entrevista daquela tarde do dia 2 de maio.

[16] Carrocinha com molejo.

Erguendo novamente as casas

Em relação às notícias da imigração de alemães-russos, lê-se no jornal *Correio do Povo* de 7 de maio de 1909:

Immigrantes. De 1º de janeiro do corrente anno (1909) até dia 31 de março findo, entraram no Estado 2.921 immigrantes em sua maioria russos. Desses, 2.705 seguiram para a colonia Guarany; 42 para Ijuhy, 86 ficaram na cidade de Rio Grande e 88 nesta capital.

Conforme o livro *Raízes de nossa história*, alguns alemães-russos já haviam se estabelecido antes de 1908: *Pelos dados que se tem, a primeira criança batizada na confessionalidade evangélica luterana na região foi Maria Beber, nascida em 22/02/1900 e batizada em 07/03/1900, sendo filha de Christoph e Frederike Brandstet Beber.*

Todavia, a grande leva de imigrantes ocorreu em 1909, conforme os registros do *Correio do Povo*, pois as crescentes dificuldades da política russa faziam que rapidamente fossem se retirando tanto das margens do Volga como de Wolhynien. Chegavam em Ijuí, onde havia uma casa que dava guarida até poderem se dirigir para suas respectivas colônias. Gavanham serrotes, machados e um pouco de dinheiro para iniciarem as suas atividades em suas colônias de vinte e cinco hectares. Não há notícias de aqui ter havido uma organização a exemplo da Volksverein dos católicos. Vinham somente com suas próprias forças.

Esses 2.705 alemães-russos começaram a se organizar em comunidades. Como de costume, iniciavam derrubando a mata. Protegiam-se em pequenos barracos rudimentares. Constituíram

assim a Colônia Guarani, formando suas comunidades com outros imigrantes, incluindo muitos poloneses. A Colônia Boa Vista se formou dentro da Colônia Guarani, precisando-se melhor o espaço dos alemães-russos em Linha Pederneiras, Linha 15, Linha 13 e outros lugares. Quando essa leva de imigrantes alcançou o seu destino, já encontrou alguns que haviam chegado no ano anterior. Em relato de Olívia Dragon[17] sobre a imigração alemã-russa da Linha Silva Jardim, pode ser lido:

[...] viajaram de trem até Ijuí e então eram levados por carroceiros de um barracão ao outro até a última onde estão que foi Guarani das Missões.

Os barracões eram os lugares, as casas onde se abrigavam até dez famílias de imigrantes. Ali ficavam as mulheres e os filhos, enquanto os homens iam à procura de uma terra para se instalar. Faziam as suas casas com taquara, palmeira e capim.

Podemos nos perguntar: Por que saíram da Rússia? A resposta é simples. Os homens deveriam voltar ao exército e treinar-se para a guerra que estava por vir.[18]

O governo brasileiro havia prometido terra, moradia e tranporte livre. Porém, quando aqui chegaram, não foi assim... Receberam do governo ferrramentas e sementes e vales para comprar o necessário.

Tiveram que enfrentar a doença do tifo, entre outras.

Não diferentes de outros agricultores, não importando a crença, lutaram contra o abandono, abrindo suas estradas, erguendo suas igrejas e escolas para que seus filhos pudessem crescer e ter vez e voz. Por certo, as estradas se conectavam rapidamente com outras comunidades, permitindo dar vazão aos produtos da terra e ter o que necessitavam em suas casas.

Por ironia do destino, novamente a pátria de origem impôs

[17] O relato é resultado do esforço da professora Olívia com seus alunos Romeo Fehlauer, Marquite Vogel, Neusa Maria Harmann, Adelar Wruck e Márcio João Hermes, no ano de 1990. A professora e os alunos tiveram a colaboração de Otília Fitz, Hilda Ieske, Carlos Dragon, Celestina Bogorni, Alexandra Jaboski, Alvina Dombrowski e Rudolfo Stibbe.

[18] Conforme relatos de pesquisadores, também, outros fatores graves levaram os alemães-russos a saírem da Rússia.

muitos constrangimentos durante a segunda guerra. Não há que negar o esforço brasileiro em apoiar a ocupação das terras em toda a região Noroeste do estado, todavia, os meios para a melhoria agrícola, educação, comunicação e saúde foram deixados por conta do interesse das comunidades. Aí residia a força dos pastores e das lideranças comunitárias. De outra parte, não pode ser afastada a humilhação causada a todas as comunidades de origem alemã no início dos anos quarenta. Houve repressão austera por parte de autoridades lideradas por Artur de Carli contra os alemães. Temiam que, nessas regiões, se formasse um espaço de resistência alemã. O Brasil, a exemplo de Hitler, tinha em Getúlio uma radical tendência ao nacionalismo. Sem haver qualquer apoio ao aprendizado da língua portuguesa, reprimia-se de forma cruel a língua alemã. Prendia-se quem fosse pego falando alemão. Os pais proibiam seus filhos de falar durante o trabalho da roça. Alguns deles foram levados para Santa Rosa, não sendo difícil avaliar a crueldade dos perseguidores ao lhes obrigarem a cantar o hino nacional brasileiro. Livros, documentos e armas eram tomados. O medo levava a enterrar qualquer papel que pudesse trair a origem.

Somente a partir de 1938, o Estado começou a pensar em obrigar a que, em suas escolas, o conhecimento fosse ministrado em língua portuguesa, porém, durante longos anos, ainda as paróquias, tanto católicas como protestantes, deviam prover os recursos para os professores. Cada comunidade, com o aval de padres e pastores, providenciava o magistério para as crianças.

Voltando no tempo

Os primeiros alemães-russos de crença menonita (*Wolgadeutsche)* eram um grupo que vivia próximo ao rio Volga, na Rússia. Foram convidados por Catarina II, a Grande, por volta de 1763, para colonizar o Baixo Volga, próximo ao mar Cáspio, nas regiões de Saratov e Sâmara. Sobre outros alemães-russos, entre os quais aqueles da Colônia Guarani, a referência do pastor Alfredo Gutjahr[19] constitui-se em bom auxílio:

[Nesse ano de 1763,] *27.000 alemães, atendendo o chamado de Catarina II, migraram para a Rússia, sem impedimento algum de documento ou burocracia alfandegária que pudesse dificultar a sua entrada. As facilidades não pararam por aí. Foi-lhes doado a terra como propriedade; foi-lhes concedido isenção de impostos; foi-lhes oferecido auxílio financeiro para custear o início das atividades; aos imigrantes e aos seus descendentes foi concedida isenção do serviço militar. Além disso, foi-lhes assegurada plena liberdade religiosa, sendo permitido construir as suas igrejas e escolas; também lhes foi garantido o direito inviolável de cultivarem a sua língua materna, os seus costumes e as suas tradições. Os imigrantes alemães corresponderam a estes privilégios e a estas vantagens e prosperaram rapidamente.*

Todavia, mal passados cem anos e com uma comunidade de 100 mil habitantes, as promessas de Catarina II começaram a deixar de serem cumpridas. Nesse meio tempo, outros alemães-russos e de diversas crenças se deslocaram, inclusive, para regiões mais próximas, para as terras de Wolhynien, hoje Ucrânia. Duas novas levas,

[19] No *site* http://www.mluther.org.br/Imigracao/iracema.htm, encontram-se importantes anotações sobre os eventos das imigrações alemãs-russas.

em 1812 e 1862, dirigiram-se para essa nova região sob o convite do Czar Alexandre I. Em 1892 (Alexandre III), todas as colônias alemãs começaram a ser "russificadas", ou seja, perderam a isenção de impostos, a isenção militar e, nas escolas, além da língua alemã que vinha sendo administrada, introduziu-se a língua russa. Essa adaptação, devido aos longos anos de vivência em solo russo, foi assimilada sem traumas.

Dias mais pesados estavam chegando. Principalmente a partir de 1905, com o massacre em São Petersburgo, iniciou-se uma campanha de movimento socialista, e os mujiques estavam atentos em seus interesses e nas terras já colonizadas pelos alemães-russos[20]:

Em 1861 aboliu-se a servidão e se deu ao camponês a propriedade da terra em que construíra sua casa. A reforma acentuou a crise social, uma vez que a organização social baseada no mir foi rompida. A reforma de 1861 transformou o mir em uma célula administrativa, pois a comunidade era coletivamente responsável pelo pagamento da dívida ao Estado: este assumira o pagamento das indenizações aos senhores da nobreza. Ao mesmo tempo, aumentava a compra e venda de terras por elementos urbanos ou por camponeses enriquecidos, saídos da própria comunidade aldeã – eram os kulaks, burguesia rural dona de terras mais vastas.

Os esforços dos czares não foram suficientes. A burguesia cada vez mais rica e os mujiques cada vez mais pobres. Os servos tiveram uma liberdade sem condições de se sustentar, e os alemães-russos, igualmente, ficavam cada vez mais pressionados a sair pelas razões dos conflitos políticos, das restrições à religiosidade, da ameaça às propriedades e aos costumes e, principalmente, em razão da insegurança instalada em toda a Rússia. Com a desestabilização gerada pelo Czar Alexandre III[21] e, posteriormente, com a queda de seu filho Nicolau II, o sonho da liberdade, garantida até então, caiu por terra. Os alemães-russos que lá ficaram padeceram ainda mais.

[20] Disponível em: <http://www.conteudoglobal.com/cultura/revolucaorussa/index.asp?action=estrutura_socio_economica&nome=A+R%FAssia+Pr%E9-Revolucion%E1ria%3A+Estrutura+S%F3cio-Econ%F4mica>.

[21] O Czar Alexandre III foi imperador e autocrata de todas as Rússias a partir do dia 13 de março de 1881 até a sua morte, em 1894, e pai do último Czar, Nicolau II.

O paraíso prometido tornou-se um inferno. Profundamente decepcionados, os nossos pais tiveram que aguentar calados o ódio e a ferrenha perseguição empreendida contra a Igreja. Logo contra eles, que no passado abandonaram a sua pátria para migrarem para um país onde pudessem praticar livremente a sua confissão, a qual, através dos séculos, cultivaram com amor e dedicação, nas igrejas, nas escolas e em suas famílias, visando transmiti-la inalterada aos seus descendentes. Cheios de tristeza, tiveram que assistir seus conceitos cristãos serem desprezados, ridicularizados e, como se isso não bastasse, eles próprios, pelo fato de pertencerem a um credo religioso, serem declarados inimigos do poder.

As igrejas foram fechadas. Muitas escolas foram arrancadas, e em seu lugar foram construídas creches. Os pais tiveram que assistir, sem nada poder fazer, os seus filhos serem alienados dos princípios cristãos e serem doutrinados no regime comunista-marxista. Esta situação tornou-se insuportável. As suas propriedades foram invadidas, saqueadas e desapropriadas. De proprietários passaram a operários, para não dizer escravos, nas granjas coletivas, as assim chamadas colcozes, ou kommunas. A auto-estima e o orgulho de agricultores livres foram feridos ao extremo. Por isso, hoje, todo movimento seja ele político, religioso ou social, que tem por objetivo a invasão e a desapropriação, encontra nos descendentes destes imigrantes uma grande resistência e um alto e sonoro não.[22]

Os alemães-russos, muito antes de o regime comunista se instalar, sentiam a pressão para sair. Conforme testemunho das memórias de Nelson Eberhardt, ouviam da população nativa: saiam agora, que depois sairão sob fogo. Assim, em torno de 1909, vieram, depois de atravessar a atual Ucrânia e a Polônia, para Hamburgo, e daí para o Brasil. Alguns deles saíam pelo porto de Bremen. Imigrantes alemães de toda ordem, mais de 5 milhões, ainda em 1929, passaram por Hamburgo, de acordo com informe da família Tietz[23]:

[22] No *site* http://www.mluther.org.br/Imigracao/iracema.htm, encontram-se importantes anotações sobre os eventos das imigrações alemãs-russas.
[23] Disponível em: <http://www.rtp.pt/wportal/entretenimento/familiartp/familia.php?id=10143>.

Em 1929 nossos antepassados viajaram escondidos em vagões de trem de carga para Hamburgo – Alemanha vindos da Ucrânia. Inicialmente foram recepcionados e ajudados pela Federação Luterana Mundial e pela Cruz Vermelha Alemã que lhes providenciou alojamento, alimentos, remédios e documentos. O local em que foram hospedados por cerca de uma semana era conhecido como "cidade dos imigrantes" construída entre 1898 a 1901, chamada de "Ballinstadt". Local esse composto de uma pequena vila com pavilhões de alojamentos, refeitórios, lojas, igrejas, uma sinagoga e um dispensário. Ali foram abrigados imigrantes europeus entre 1901 a 1934. Enquanto aguardavam a realização de exames médicos obrigatórios, providenciavam os documentos junto às embaixadas dos países de destino e as passagens para a viagem.

A história dos alemães-russos se estende para outros países e inclusive para o interior da Rússia. Embora a Sibéria fosse, até então, conhecida e temida apenas como região de desterro e de trabalho forçado (nas minas de carvão) imposto aos infratores da lei, as suas imensas planícies eram favoráveis à agricultura e à criação de gado. Levas e mais levas de russos e descendentes de imigrantes alemães de todas as regiões do Volga, de Wollynien e da Crimeia rumaram para o sul da Sibéria, a algumas centenas de quilômetros da fronteira com a China, tendo como centro referencial de comércio a cidade de Slawgorod.

Muitas são as causas que levaram os alemães-russos a se deslocarem para outras regiões. A política agrária se tornou rapidamente avessa aos pequenos agricultores. A fuga se mostrou a alternativa àqueles que prezavam a liberdade religiosa e a livre iniciativa. Milhares deles, então, saíram em busca de nova chance que a história poderia conceder, e, o que é certo, para 2.705 deles coube escrevê-la na Colônia Guarani. Eram seus descendentes, e até alguns deles passaram em frente de minha casa em silêncio. Agora sei quem eram. Muitos de seus antepassados poderiam contar melhor como foram sendo afastados. Os alemães-russos, protagonistas da imigração, poderiam relatar melhor a desgraça que caiu sobre eles.

As decisões de Alexandre III em russificar a todos em 1892, a criação do movimento dos *soviets*, a mobilização socialista a partir de 1905, o mal-estar gerado contra os alemães pelos mujiques que buscavam igualdade de produção, o constrangimento no início da segunda guerra mundial quando a Rússia, em 1914, opôs-se à Tríplice Aliança e, principalmente, a revolução russa em 1917 acabaram definitivamente com o sonho da liberdade alemã em terras das planícies do Volga e de Wohlynien.

Por certo, muitos alemães assumiram a identidade russa, com as consequências que a nova ideologia impunha.

Vendo de perto a Colônia Guarani

A Colônia Guarani recebeu imigrantes de diversas nações, especificamente da Rússia, da Alemanha e da Polônia. Os imigrantes se dirigiam para as matas de pouco socorro e, aos poucos, dividiam-se em comunidades denominadas de linhas, traçadas por engenheiros do governo ou por agrimensores particulares. As Linhas Treze e Pederneiras são os lugares nos quais conheci de perto os alemães-russos.

Eles, em sua maioria, chegados em 1909, facilitaram a vinda de outros imigrantes que se dirigiam para as matas mais a oeste, formando as comunidades da *Volksverein*[24], que tiveram por divisa o lugar de mesmo nome, a partir de 1912. Em três anos, foram abertas as estradas de Santo Ângelo até Guarani e daí para Santo Cristo. Mal sabia eu, sentado à beira da estrada na Divisa, o quanto as linhas abertas eram devidas a esses alemães-russos que já estavam acostumados a andar em caminhos perdidos na Rússia. Bem me lembro do esforço de conservar as estradas em razão das chuvas e dificuldades de escolha para traçá-las.

É bom pensar sobre os esforços iniciais e a angústia ao se tratar da quantidade e das condições das terras, dos meios de produção, da aquisição das sementes, do comércio dos produtos e da construção das casas. Nos primeiros meses, os *imigrantes eram alojados num barracão, que era uma espécie de abrigo de lona, onde permaneciam durante a noite, pois durante o dia iam trabalhar em seus lotes de terra (18)*[25].

---

[24] Associação católica responsável pela migração das antigas colônias para Santo Cristo e outros lugares.
[25] KELM, M.; SCHROEDER, M. R.; FESTER, K. A. *Raízes de nossa história*: Linha Dr. Pederneiras. Horizontina: SR indústria Gráfica, Sem data.

Pelos relatórios, sabe-se que a primeira casinha não era mais que quatro paus erguidos e coberta de palhas. Os machados trabalhavam a seguir, derrubando árvores com duas intenções. Poucos anos depois, eles já serravam a madeira para, com tábuas e caibros, erguer uma mais segura, garantindo proteção das chuvas.

Parte da madeira também era aproveitada na construção de casas e galpões. Suas casas eram erguidas de forma rústica e modesta, feitas com estacas e cobertas com palhas... No interior das casas havia poucas repartições. Seus móveis eram simples, apenas tinham mesa, bancos e prateleiras presas à parede, que serviam para guardar os alimentos e os poucos utensílios (19-20).[26]

Mais tarde, cortando cepos e deles tirando lascas bem feitas, cobriam-nas com as tabuinhas.

A partir dos anos cinquenta, elas passaram por novo acabamento, sendo cobertas com telhas de barro, o que igualmente aconteceu com os espaços para a celebração religiosa e as escolas. Apesar de tudo, bem melhores eram as condições do que aquelas que receberam da pátria de origem. Não havendo uma política definida para a implementação do projeto de imigração, tinham apenas em suas intenções, decisões e ações o destino da vida.

Em Guarani, havia um pequeno entreposto de roupas e mantimentos. Era onde os colonos da Linha Divisa também se abasteciam. As estradas eram construídas pelos próprios agricultores que escolhiam um capataz, por certo aquele que melhor sabia sobre o rumo a ser dado e a forma mais adequada de conservá-las. Cada agricultor dedicava alguns dias para, coletivamente, abrir os caminhos de conexão. Esses caminhos serviam, ainda, para os agricultores da *Volksverein*[27] e outros alemães-russos que avançaram até Alecrim e outros lugares. E eu, à beira de uma dessas estradas, observava o movimento de suas carroças.

As escolas das comunidades da Colônia Guarani não levaram muito tempo para serem erguidas. Os pastores tinham consciência da importância da leitura, uma vez que um dos requisitos fundamentais

[26] Idem, ibidem.
[27] Sociedade União Popular, criada em 1912, responsável, no Sul do Brasil, pelo bem-estar da comunidade católica e teuto-brasileira.

dos evangélicos era que cada um fosse responsável por sua salvação, e a leitura sagrada consistia num dos meios para a redenção. Era forte a inspiração dos evangélicos na busca de esclarecimento. Por certo, muitos livros se perderam quando, em 1942, começou a preocupação com o nacionalismo bizarro que rondava a Colônia Guarani.

As reuniões da comunidade eram muito importantes, para atender tanto às questões culturais nas escolas como às espirituais nas igrejas. A produção e o comércio dos produtos também começaram a ser levados a efeito. *As primeiras culturas implantadas foram: a mandioca, feijão, abóbora, batatinhas, milho, trigo e, mais tarde, o arroz (20)*[28]. Ainda, a alimentação inicial foi providenciada pelo projeto de colonização, mas logo a seguir tiveram que introduzir a alimentação com novas culturas. Utilizavam-se, além disso, da caça para prover a carne.

– Minha avó sempre contava que ela mesma saiu de casa com um saco de feijão e foi até Guarani trocar pelos mantimentos da casa, enquanto o velho avô ficava vendo a abertura de mais terra para a agricultura, segundo Eberhardt.

É fácil entender que as primeiras preocupações residiam em as comunidades terem um moinho, uma serraria, uma ferraria, uma olaria, um professor, um comerciante, um pastor, bem como os espaços comunitários da escola, da igreja, dos potreiros e das casas para reuniões menos formais. Todos os eventos se baseavam numa história de longo tempo. Havia uma cultura comunitária que atravessava séculos e países. Todavia, cada lugar possuía sua alma e forma de ser. As âncoras iniciais, onde tudo se efetivava, davam-se pelas paróquias e pela determinação dos seus pastores, dos professores e das diretorias que delineavam caminhos comuns para todos. Naturalmente, a livre iniciativa possuía seu teor contributivo para a evolução da comunidade, bem como a localização geográfica dimensionava a feitura da história, privilegiando o espaço mais próximo do centro de desenvolvimento, Santo Ângelo, e do 5º distrito, Guarani das Missões.

[28] KELM, M.; SCHROEDER, M. R.; FESTER, K. A. *Raízes de nossa história*: Linha Dr. Pederneiras. Horizontina: SR indústria Gráfica, Sem data.

Pode-se dizer que, em todas as comunidades fundadas para imigrantes, o interesse do desenvolvimento estava em tomar conta de terras até então improdutivas e garantir digna sobrevivência. Aos poucos, pela extensão das roças, alguns mais diligentes começaram a produzir alguma renda. Com a produção e venda de porcos, a partir dos anos quarenta, ainda outras rendas começaram a ser conquistadas para aquisição de outras glebas, pois vinham os filhos que necessitavam dar continuidade às suas vidas. Salienta-se a produção da soja, cultura que havia sido introduzida, já em 1924, pelo pastor Albert Lehnbauer, mas inicialmente servia para a engorda de porcos. A partir dos anos sessenta, ela começou a ser comercializada intensamente, ocupando todas as terras em razão de sua rentabilidade. No início dos anos 2000, principalmente, a soja não garantia mais a diversificação de culturas. A produção de leite começou a ser introduzida, também, nos anos sessenta, e comercializada na empresa Laticínios Maier de Santa Rosa.

Há, hoje, uma diversidade de culturas, embora ainda persistam, de maneira capital, a soja e o leite. Atualmente a tecnologia, em muitas propriedades, substitui o trabalho manual. Aos poucos, o trabalho físico foi sendo suprido pelas trilhadeiras com motor à gasolina, e agora muitos agricultores possuem automotrizes.

Outro passo importante para o bem-estar e o desenvolvimento foi *a conquista da energia elétrica nos anos setenta. Com muito empenho o Sr. Host Krüger, pastor da Igreja de Cristo da Linha Pederneira, abraçou a causa e liderou um grupo de pessoas para que fosse feita a ligação da rede elétrica, que foi financiada pelo Banco do Brasil, tendo cinco anos para pagar*[29]. Junto com a energia elétrica, muitos outros benefícios foram sendo trazidos para o desenvolvimento comunitário.

De tudo que foi realizado pelos alemães-russos e pelas comunidades da *Volksverein*, destacam-se o esforço para garantir escolas e a crença religiosa para seus filhos. É bom lembrar que, até o início dos anos cinquenta, as despesas todas de construção de igrejas e de

[29] Idem, ibidem.

escolas, salário dos professores, manutenção dos pastores e sacerdotes ficavam por conta das comunidades, apesar de Getúlio Vargas ter nacionalizado todas as escolas no ano de 1938. Sei disso, pois meu pai foi professor paroquial.

Os escolares recebiam, em sala coletiva, as quatro séries do ensino fundamental, persistindo essa realidade até meados dos anos cinquenta. Convém lembrar os procedimentos em torno das escolas e das igrejas. *Na assembléia do dia 1º de janeiro de 1947 foi resolvido construir uma nova igreja..., sendo que a mesma foi inaugurada em abril de 1952, então a antiga capela foi reformada para o funcionamento de uma escola*[30].

Esse costume de a igreja servir para os atos religiosos e de ensino era recorrente, também, nas comunidades católicas, afinal, nada se podia perder. O Estado vigiava e punia e pouco contribuía. Disso é testemunho o processo violento de abrasileirar tudo a partir de 1938. Salienta-se, ainda, que, até os anos cinquenta, algumas escolas abrigavam, em média, sessenta alunos, tendo apenas um professor. Na escola da Divisa, nos anos cinquenta, o número de alunos chegava a mais de cem. Os alunos, até esse período, não possuíam caderno, de modo que suas anotações eram feitas em lousas de pedra, onde, com lápis de pedra, faziam suas anotações. Eles iam descalços até a escola, mesmo em dias de geada. Alguns, pela distância, iam a cavalo. *Também levavam consigo, para merenda escolar, no caso, uma fatia de pão de milho* [31].

A vida social dos alemães-russos adultos se reduzia a atividades escolares e religiosas, bem como à preparação de tais momentos. Vinham de longe, alguns, até de doze quilômetros, para os encontros de preparação dos momentos festivos. Pela meia tarde, dirigiam-se às reuniões e, já noite adiantada, voltavam para suas casas. Animados eram os encontros dos jovens. *A sua diversão se resumia em encontros de bate-papo nos potreiros onde se encontravam, nos domingos à tarde, para cantar, brincar e namorar. Para isso chegavam a caminhar 15km e se reuniam em torno de 80 a 100 jovens.*

[30] Idem, ibidem
[31] Idem, ibidem.

Simão Dielschneider revelou o mesmo, dizendo que as reuniões dos jovens ocorriam também nas casas, favorecendo o namoro, fato que ocorreu com ele. As representações de Natal eram feitas em palcos, *e no período de Páscoa, os jovens saíam de madrugada para realizar a tradicional serenata de páscoa, tradição que se mantém até hoje*[32].

São dignos de nota os costumes de certas brincadeiras. Nos cultos à noite, trocavam as rodas das carroças, mudavam os cavalos de lado e causavam outros sustos aos incautos. Nos casamentos, *os noivos eram levados de carroça para a igreja, sendo que os cavalos e as carroças eram enfeitados com flores e laços. Ocorria também que árvores eram cortadas e estradas trancadas para atrasar os noivos32*Tudo isso era feito para amenizar os dias de trabalho e as incertezas que costumavam cercar a história dos alemães-russos.

Pouco se pode duvidar que a fé, a vontade e o trabalho faziam que erguessem seus templos e suas escolas, onde buscavam garantir que não lhes faltassem Deus e a razão bem instruída. Em suas casas, a toda hora era lembrado o momento das orações. Todos punham sua confiança em Deus, uma vez que sua história entre os homens lhes fora muito difícil. E nas noites, costumavam se sentar à mesa com um prato de banha e nele um retalho de tecido aceso, para ler a sua bíblia(34). Guardo tudo isso para compensar o que não sabia ao ver aquela gente passar por mim quando menino.

[32] Idem, ibidem.

Antes de a lamparina se apagar

Após dez anos desta narrativa, ao meio do caminho da leitura, estando acomodado com meus escritos e sereno o ânimo por ter visitado os alemães-russos, satisfeito com o resultado, achei muito solitário meu esforço humano. Entreguei o texto ao meu amigo escritor, psiquiatra Jorge Salton. Viu nela uma crônica de razoável respeito, merecedora de passar ao prelo. Entusiasmou-me a ponto de sugerir mudança do título *Uma saga: alemães-russos* para *A cerimônia da lamparina*, o que me fez rever a ideia de fazer saírem do descanso os cavalos e aquela calada gente adormecida em mim. E por achar muito acadêmico o escrito, a esta altura da escrita, resolvi dizer algumas coisas mais favoráveis a despertá-los do repouso, acendendo a lamparina novamente.

Escrevi ao pastor, que me pareceu uma criança, nada conseguindo para melhor memória daquela gente, nada se somou. Permaneceu como criança por não lhe interessar o passado, seguindo o dizer de Cícero: *segue criança aquele que não sabe o seu passado*. Comuniquei-me com meu sobrinho, gerente do banco Sicredi daquela região, mas me respondeu haver pouco interesse do pessoal em publicar o livro. Resolvi, então, animado pelo amigo Salton, pôr ao lume o que eu guardava: vou tirar a lamparina da janela. E para minorar a secura da leitura quase burocrática dos esforços em mostrar o desenvolvimento das comunidades, resolvi dizer de alguns episódios mais íntimos, do período entre 2009 e 2019, de quem ajudou a me encontrar com os fugitivos alemães da região de Wolhynien, hoje Ucrânia.

O que por primeiro me ocorreu foi retratar o Aloys, o alemão-russo católico, irmão do Simão, e o precário atendimento de saúde até sua morte. Digo dos dias de cinco anos atrás. Hoje, 18/03/2019, manhã cinzenta. Aloys veio a Passo Fundo para consultar com um urologista. Feitos os exames, vieram as custas da intervenção: um valor exorbitante para tratar da próstata seriamente avariada. Mais de vinte mil reais para ajeitar a cirurgia realizada pelo SUS, em Porto Alegre. Na verdade, um grupo de residentes experimentou a arte da cirurgia, deixando a parte dos países baixos em completa destruição. O Estado Islâmico passara por ali. O urologista daqui, ao mostrar os exames de imagem de Aloys para residentes, exclamou: vejam o que fizeram com o homem! Pobre de mim, Aloys falou. Dois crimes num paciente: a cirurgia mal feita em Porto Alegre e o montante cobrado aqui em Passo Fundo. Minhas economias de dez anos, queixava-se ele.

Desde então, acompanhei a história de sofrimentos causados por abusos na capital e em Passo Fundo. Mal se passaram dois anos, o problema de Aloys retornou. O primeiro médico negou atendimento, pois ele não mais possuía o recurso exigido. Lá fui eu encontrar um médico. Embora não fosse aqui a circunscrição de atendimento do SUS para o doente, consegui da Sétima Coordenadoria de Saúde a autorização para um médico que se dispusesse a reavaliar as ofensas prostáticas. Meu Senhor e meu Deus! Se o sofrimento de Cristo fosse garantia da salvação, sofrendo o que Aloys sofreu, nenhum cristão se perderia. O esforço do médico não teve sucesso. Por cinco dias após a cirurgia, ouvi: Augostino, acho que vou ficar bom. No sexto dia, ouvi dele: Augostino, acho que não deu certo. Veio só sangue.

A costura não aderiu, rompendo-se toda a extensão dos cortes. Começou, então, uma agonia de dois meses. Diariamente me dirigia ao hospital. Começou o tratamento paliativo. Sabíamos: a morte se aproximava entre dores e breves alívios. A esposa, Paulina, era cheia de agradecimentos pela solidariedade compartilhada. Na manhã de um sábado, entre estertores, Aloys se despediu. Após o meio-dia, Paulina telefonou: senhor Augostino, meu marido descansou. Telefonei para o Bento. Levaram, então, o homem morto para a Divisa. Lá se foi o amigo alemão-russo a quem cuidei sem

esperança. Meu irmão Bento avisou a comunidade. Entre badaladas, fizeram as despedidas. A lamparina de Aloys se apagara. O homem que cuidava pacientemente das finanças do Clube Três Mártires não mais cuidaria nem da Paulina nem das coisas dos Três Mártires.

Meses depois, telefonei para o Bento para saber do Simão e da Paulina. Ouvi muito pesaroso: as coisas não estão bem para o Simão. A Paulina ficou muito triste e morreu logo depois do Aloys. A Frida passou um ano sem saber mais de nada, teve Alzheimer, e a medicina de nada adiantou. Para descanso do Simão, ela também descansou. Ele até ficou muito bem da perna operada. Apareceu por aqui para ver a sobrinha que mora onde o Aloys morava. Olha, Agostinho, tu não reconhece mais o homem. Anda de voz forte. Está com 86 anos e bem fortão. Diz que ainda vai pescar, mas tem saudades da Divisa. Mandou fazer um túmulo de primeiro mundo aqui na Divisa, que é para ele e a Frida.

Em 28/02/2019, falei com o Bento, percebendo que está bem, embora apenas lhe sobre um açude para distração. Sabe, Agostinho, as nútrias[33] estão acabando com meu açude e meus peixes. Vem me visitar. Estou muito caseiro e só com a Nila. Aí me reportei para a trajetória de um homem de seis filhos por seguir ordens da Santa Madre Igreja. A Orlene partiu, enterrada por descuido médico. O Keko por acidente mal explicado. A Dite por doença incurável. Toda lágrima será pouca. O Bento e a Nila levaram a vida carregando dores, aliviadas pela fé. Ouvi dele afetos de irmão, também dizendo de fragilidades.

Se os alemães-russos vieram apagando lamparinas, vejo o Bento, ao terminar o telefonema, revelando-me um fato exemplar de toda fragilidade a cercar a vida. Assim se expressou:

- Estou dando pouca atenção ao meu açude. As nútrias acabam comendo mais peixe do que eu. Não sei o que fazer.

- Mate os bichos!

[33] Ratão-do-banhado, também conhecido por nútria, caxingui ou ratão-d'água, é uma espécie de roedor de pelagem marrom-avermelhada, cauda longa e grossa. Vive em banhados, lagoas e rios; alimenta-se de capim, raízes e plantas aquáticas e herbáceas, além de tubérculos, folhas, grãos, carne e peixe.

- Com que arma e com que força?

Fiquei quieto, avaliando a relação emblemática das nútrias comilonas judiando meu irmão, assim como das gentes buscando forças protetoras. Algumas pessoas por destino bruto da natureza, outras por ganância e descuido, mais outras por natural consequência da condição humana perdem a luz das lamparinas. Nada, porém, derriba a vida de alemães-russos e todos aqueles de boa vontade ao terem um pouco de solidariedade como meu irmão. Sinceramente, sou covarde me comparando a ele.

Voltemos o olhar para os mais velhos de Pederneiras e Linha Treze.

Dos mais velhos

Como eu trabalho com os movimentos dos mais velhos, fui ver de perto como estava a atenção em torno da velhice nas comunidades evangélicas onde residem os descendentes dos alemães-russos. Pelo pouco percebido, vi que acompanham os grupos da terceira idade, todavia, não incluem as reuniões dançantes. Faz parte da sua cultura certas restrições às danças, tão difundidas entre idosos da região de Passo Fundo e outros lugares. Os objetivos dos grupos entre alemães-russos evangélicos seguem, via de regra, o que é posto pelo livro *Raízes de nossa história,* constituindo-se em: *oportunizar atividades de lazer que envolvem o idoso e sua família, organizar palestras e resgatar a história desta comunidade e região.*

No enterro do senhor Edwin Teodoro Gertz, chamaram atenção a solidariedade em torno dos familiares e a despedida da comunidade que, em silêncio, passava ao lado do falecido. Mostrava-se um respeito muito grande pelo velho senhor que aí era velado. A autonomia das pessoas e o comportamento egocêntrico da maioria das famílias nos grandes centros urbanos ainda não contaminaram a unidade comunicativa da família rural e evangélica. A religiosidade tem um forte apelo para o respeito com os mais velhos, uma vez que a caridade cristã é tida como um valor considerável. Ainda persistem valores transcendentes, reunindo as pessoas entre si, independendo, portanto, do grau de interesse material que possam ter. As relações próximas dão conta da comunicação, sendo os laços virtuais ainda distantes.

É temerário afirmar que a cultura evangélica, com todas as virtudes da tradição cristã, resista aos apelos urbanos e da individu-

alidade, os quais minimizam as relações familiares e, portanto, com os mais velhos. De toda forma que se olhar, pode-se afirmar que essa cultura é capaz de animar o respeito aos mais velhos em razão de os avós não se deslocarem, em seus fins de semana, recebendo seus familiares. Ainda, os mais velhos e os filhos olham para a luz de suas casas a exemplo daqueles que punham a lamparina na janela à medida que se afastavam. A tradição em torno do cultivo da terra, aos poucos, dá lugar à atualização das culturas em centros de pesquisa, e não mais no conhecimento dos avós, ressaltando-se assim maior dificuldade de aproximação intergeracional. Demonstra-se, mais uma vez, a importância de haver uma aproximação afetiva vigorosa a ser estimulada em aprendizagem pelas escolas e pelas igrejas. Se não for um propósito consciente, o tempo é voraz para com os costumes; os laços se perdem, minimizando-se os vínculos afetivos.

Nas pedras dos falecidos e nas canções

No dia em que enterramos o seu Gertz, ouvia, curioso, alguns cantos. Karin Fester se dispôs a me alcançar as poesias dos hinos religiosos, o que de fato aconteceu no dia 11/10/09. Durante a cerimônia de sepultamento do velho senhor, reparei nas pedras dos falecidos. Ali estavam testemunhos de princípios e crenças reveladoras dos motivos principais da vida que levaram. Karin dispôs de seu tempo e recolheu inscrições nas pedras e cantos.

Em ambas as realidades, impressionam muito o desejo e a fé de estarem melhores. Há uma nítida confissão do sofrimento pelo qual passaram. As palavras são fortes, ao abordarem os desejos de possuírem uma pátria definitiva e um justo tratamento. Todos os cantos e as inscrições apontam para um lugar reservado àqueles que puseram a esperança no Senhor. Na verdade, sente-se a decepção em todas as palavras, ao se tratar de questões voltadas para o cotidiano. São notáveis as expressões relacionadas à finitude humana, todavia, em contraposição, habitam palavras crentes em torno da transcendência que lhes concederá melhor destino. O sonho de haver uma terra e uma casa que os acolham é constante. Há um apelo para que Deus ponha seus filhos em algum lugar que lhes conceda paz. Não é difícil imaginar o quanto doíam as constantes peregrinações em busca de um espaço humano e social permanentes. Em tudo havia uma dissonância entre o desejável e o realizado.

Breve comentário sobre os hinos religiosos

Na canção *Em breve, em breve*, pode-se ler*:*

Eu avisto uma terra feliz, onde irei para sempre morar. Continua o canto revelando pretensões compensadoras de saudades. E tão forte era a crença que definem o lugar como uma cidade real.

Em outro canto, *O caminho da vida,* revela-se, mais uma vez, o quanto sentem que o caminho é estreito em busca de uma terra melhor. Contudo, pouco importa, porque possuem um companheiro de fé que é Cristo, que também andou por esse caminho. Tais cantos eram levados a efeito em sepultamentos, o que ocorreu, em 01/05/09, com Edwin Teodoro Gertz.

Em outras canções, nota-se, de maneira recorrente, o grande apelo para uma pátria, para um lugar definitivo, e, então, o coração se alegrará sem qualquer transtorno.

Como estavam acostumados a andar de um lugar para outro em permanente incerteza, assim aconteceu-lhes na Alemanha e na Rússia. Aqui, de maneira igual, tudo estava incerto, o que se confirmou na perseguição dos anos quarenta. É esta a sensação de um dos cantos: *nós estamos em viagem, em busca de uma terra melhor, lá onde as ofensas e as dores estão completamente superadas.* Não dá para duvidar, um instante sequer, sobre a certeza de haver a superação de tudo, enquanto, na austera caminhada humana, puderem crer que tudo que aqui acontece é passageiro.

Sobre os testemunhos nas pedras

A saga dos alemães-russos com suas angústias e lutas, para poderem cuidar de si mesmos, não haveria de ser diferente: restaria gravar o sentido maior de suas vidas. Nas pedras brutas, gravam ainda o que os motivou a ir de um lugar para outro, retirando forças em ideias que ultrapassavam os limites impostos, ora pela natureza ora pelas circunstâncias. Diversas foram as motivações para não se sen-

tirem abandonados. E aí nas pedras, então, puseram o que os levava a enfrentar as tragédias e a intolerância.

Sabiam da fragilidade humana... E tanto repetiam em suas vidas como nas pedras que indicavam o nome daqueles que já partiram. O que eu vi:

Quanto ao homem, os seus dias são como a erva; como a flor do campo, assim ele floresce. Pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não a conhece mais. Todavia, transpõem para muito além a disciplina de suas crenças... *Bendito aquele que morre no Senhor*.

Muito mais eles têm a dizer sobre as formas de lidar com a vida. Sustentados na fé, conforme indica a pedra de Hulda Redmann, atravessam seus caminhos. Lembram o que foi dito por Paulo a Timóteo. *Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.* Têm como certa o encontro de uma luz que os ilumine para além das contradições humanas, as quais viveram tão intensamente, ora na Rússia tão austera com eles, ora no Brasil, no qual podem confiar mais. A morte para eles pode até ser pensada como lucro. E pode ser feita uma rápida reflexão sobre a relação entre as expulsões que os empurravam de um lugar para outro e a extensão das forças espirituais. Resta pouca dúvida sobre a manutenção da linguagem e da fé religiosa, como compensação das expulsões havidas. A identidade religiosa e a cultura em torno da vontade da superação eram apoiadas pelas igrejas renovadas por Lutero. Aí, nas pedras, estão nítidas as configurações da violência humana sofrida e a fortaleza adquirida nas reuniões de apoio mútuo e do cultivo da esperança. Os símbolos em torno de uma manhã, ou de um lugar, ou de uma casa, onde pudessem ver e estar melhor, são constantes nas pedras e nos cantos. Deram tudo de si para encontrar um espaço social. De modo especial, são observadas, nas pedras dos primeiros moradores, a dimensão das lutas e a esperança de descanso para quem andou em disciplinada vontade. Na lápide de Elly

Preischadt, pode ser lido: *esforço e trabalho foi tua vida. Deus te deu descanso.* Não custa imaginar sobre a vontade maior diante de momentos como o de deixar para trás as pedras de seus familiares no começo dos anos noventa para o início incerto em novas terras. Os alemães-russos podiam ter certeza de pouca coisa, pois os esforços da Alemanha e da Rússia resultaram inúteis, por isso mesmo dessas terras podiam ter pouco em conta, então, salta o pensamento para a direção de uma fé inabalável... Isso é visto em Bertha Becker: ***Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu.*** Por certo, ela tinha clara consciência sobre o resto das palavras que estavam em Isaías: *quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti.* Pois bem, é isso que faz que eles se mantenham de pé diante dos arranjos sociais impostos, e mais que isso: não se lhes impõem apenas as lágrimas diante da morte. Testemunhei isso no momento em que baixavam à terra o velho Gertz. Mais que uma atitude estoica diante do que é previsto, tinham uma atitude de homens de fé diante do mistério. Sempre foram afoitos diante da instável sorte humana; nada fará que tremam diante daquele que tinham como o Senhor que reina muito além das limitações históricas.

Muitos são aqueles que acabaram enterrados em terra nua e cujos nomes, por não os terem gravados em pedras, são pouco lembrados, todavia, não menos importantes foram na construção da nova terra.

A partir de 1940, surgiam nas pedras os primeiros nomes, mostrando a língua da nova terra que os recebia... Dorneles Gabatz, Florindo Dragon. Ainda assim, permanece a fé de seus pais. *Só a certeza do reencontro preenche o vazio que deixaste em nosso coração.*

Conversa final

Ao concluir a narrativa, competem algumas palavras de despedida. Convém dizer que o encontro com alemães-russos foi muito interessante. Acabei com o mistério de minha infância. Sei perfeitamente de onde vinham e como vieram. Sei das madrugadas. Despertos iam ao trabalho, abrindo os caminhos para outros passarem, ou tirarem de seu suor o suficiente para sua gente. Tiveram a coragem de chegar entre espantos, pois vinham carregados da violência e saudades de outros lugares. O certo é que nada os afastava da esperança, tendo apenas em Deus o último socorro. O sofrimento social não lhes era estranho, nem a morte os assustava, uma vez que andavam fiéis em sua fé. Juntos seguiam em celebrações para juntos encarar a dificuldade.

O menino que fui e o homem que sou estão em paz e reconhecidos por terem estado de imaginação fértil e amor sincero em torno deles. Os alemães-russos, até aqueles que ficaram com suas pedras abandonadas na Alemanha e na Rússia, fazem-se presentes nesta hora, pelo aprendizado e pela ternura com que habitarei a minha casa. Em cada gesto que terei, estarão presentes os cuidados que tiveram com seus cavalos, com sua terra, com sua gente e, acima de tudo, com o Deus protetor e fortaleza das casas. Pelas dores tantas, lembrarei da angústia com que deixavam seus lugares e suas preciosas lembranças. As lágrimas não mais serão tantas, tendo a si mesmos por companheiros.

Em mim andam livres os alemães-russos. Suas histórias não serão apenas elementos do pensamento, mas virtude alegre para poder andar, sem dúvidas, sobre a importância da vida.

Por mais de um ano, privei da intimidade de suas casas, o suficiente para tê-los para sempre. Não vi lamparina alguma nas janelas. Não careciam de fugas na noite e tampouco eu perdê-los por tanto tempo.

Quando entre poeiras voltava pelos quinze quilômetros de Pederneiras até a Divisa, vendo as palhas de milho e a soja, sentia o quanto cada pequeno lugar se distanciava sem saber o quanto poderiam colher juntos a vida. E eu achando que vinham de outro mundo. Ainda bem que havia os cavalos fortes e seus donos que passavam por mim, deixando a curiosidade tardia pra saber quem eram as desconhecidas figuras humanas. A lamparina, agora, não se apaga mais em mim.

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

Agostinho Both é autor de obras literárias e acadêmicas. Participou em diversos livros e revistas voltados para temas regionais e, particularmente, sobre o envelhecimento humano. Agostinho tem o prazer de escrever romances, contos e crônicas, mostrando, de maneira livre, seu pensamento sobre a realidade regional. Possui estilo livre de preconceitos acadêmicos. Sua bagagem de pensador e professor faz que penetre, de maneira alegre e sensível, sobre a cultura imigrante. Acima de tudo, procura entender as culturas e as gentes que povoam seu mundo vivencial e cultural. A crônica ou as crônicas do livro A cerimônia da lamparina traz(em) um universo desconhecido para a maioria dos gaúchos, mas muito particular dos alemães-russos. Uma saga que encanta e não pode se perder.

Agora, então, quero me redimir de minha ignorância e, fugindo da fantasia, abraçá-los, mostrando minha crença de que a solidariedade pode ser maior, pois, se estivéssemos crentes de nossa fragilidade, as aldeias estariam melhor servidas. Se tivéssemos maior socorro uns nos outros do que inseridos em crenças particulares, então, acredito, seríamos melhores do que somos. Tentarei, assim, tornar-me melhor e fazer que outros possam se tornar melhores, conhecendo quem são esses alemães-russos que vieram entre lágrimas e esperança, tendo sua sorte resolvida aí junto ao rio Boa Vista e outros pequenos córregos. Agrada-me Platão, quando diz: *Como é verdadeiro o ditado comum, de que aquilo que aprendemos quando meninos, o recordamos de maneira maravilhosa!*

Projeto Passo Fundo
Apoio à cultura

CC BY SA

Portal Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

9 788583 263913